

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 1 Janeiro - Abril 2025

ARTIGO

A OCUPAÇÃO DA ENCOSTA DA SERRA SUL CATARINENSE: ENCONTROS CULTURAIS NO HOLOCENO TARDIO

Paulo DeBlasis*, Henrique Kozłowski**, Edenir Bagio Perin***, Juliano Bitencourt Campos****, Geovan Martins Guimarães*****, Deisi Scunderlick Eloy de Farias*****

RESUMO

Este artigo sintetiza a pesquisa arqueológica feita até o momento na região meridional da encosta da serra catarinense, aqui definida pela bacia do rio Tubarão e adjacências. A presença de grupos associados às tradições Umbu, Je e Guarani é descrita, discutindo-se a natureza da ocupação dessa região. Considera-se também a emergência de padrões culturais próprios durante o Holoceno tardio, que se prolongam até época bem recente.

Palavras-chave: Encosta sul catarinense, Mata Atlântica, Encontros culturais

* Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP). Email: deblasis@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4021-3441>

** Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP).

Email: kozłowski.henrique@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0853-072X>

*** Arqueosul, Arqueologia e Gestão do Patrimônio. Email: edenir.perin@gmail.com

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9744-7081>

**** Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC, Brasil. Instituto Terra e Memória, Centro de Geociências (ITM/CGEO/Portugal).

Email: jbi@unesc.net ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0300-1303>

***** Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia, Universidade do Sul Catarinense (GRU-PEP/UNISUL). Email: geovan.guimaraes@unisul.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9659-8240>

***** D'Arqueologia Consultoria Arqueológica. Email: deisiarqueologia@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6036-9948>

HUMAN OCCUPATION OF THE SOUTHERN ENCOSTA (EASTERN SIERRAS) IN SANTA CATARINA, BRAZIL: CULTURAL ENCOUNTERS IN THE LATE HOLOCENE

ABSTRACT

This study updates archaeological research in a southern *encosta* (*eastern sierras*) IN Santa Catarina, Brazil, as defined by the Tubarão river basin and discusses the presence of Umbu, Je, and Guaraní societies and the occupation of the region as a core area. It argues for the emergence of characteristic cultural patterns in late precolonial times.

Keywords: Southern Santa Catarina eastern mountains, Cultural encounters

OCUPACIÓN HUMANA EN LA ENCOSTA DE LA SIERRA ORIENTAL DE SANTA CATARINA, BRASIL: ENCUENTROS CULTURALES EN EL HOLOCENO TARDÍO

RESUMEN

Este artículo sintetiza la investigación arqueológica realizada hasta el momento en la región meridional de la encosta de la sierra oriental de Santa Catarina, Brasil, aquí definida por la cuenca del río Tubarão y su entorno. Se describe la presencia de sociedades Umbu, Je y Guaraní, discutiendo la naturaleza de la ocupación de esta región. También se considera la emergencia de patrones culturales propios durante el Holoceno tardío, que se extienden hasta épocas muy recientes.

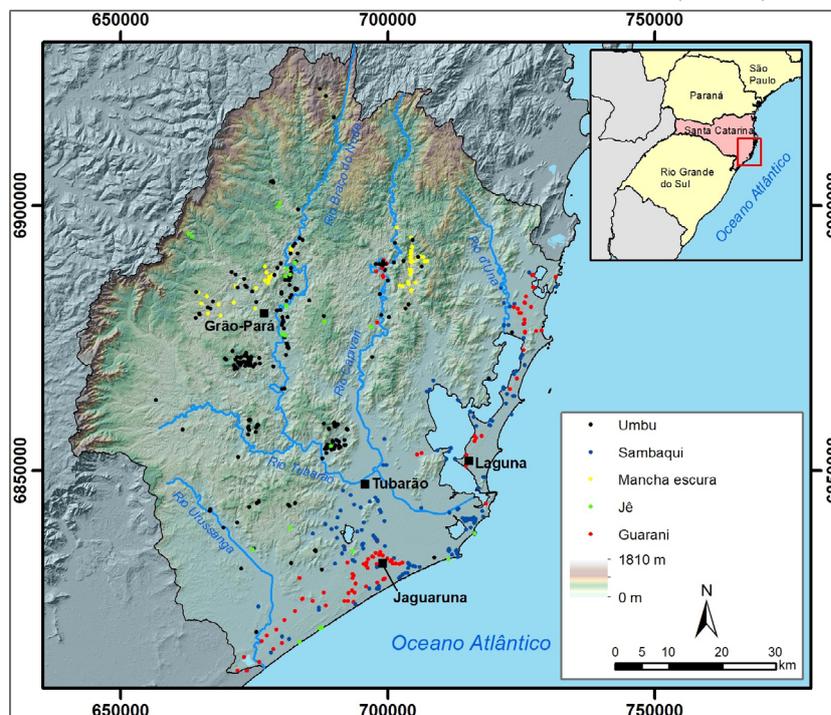
Palabras clave: Encosta oriental de Santa Catarina, Mata Atlántica, Encuentros culturales

Desde o nordeste do Rio Grande do Sul e ao longo do Estado de Santa Catarina, entre o litoral e a elevada escarpa do planalto sul brasileiro (com altitudes acima dos mil metros), há uma região intermediária, uma área transicional onde serras intercalam com vales profundos que se abrem para a faixa costeira, criando uma zona com nichos ecológicos diversificados, a *encosta da serra* – também conhecida como *Serras do Leste*. Essa região, outrora densamente florestada, integra a faixa oriental do Brasil coberta pela Mata Atlântica, uma vasta área na qual a presença humana é reconhecida desde a passagem Pleistoceno/Holoceno, se não antes (Araujo 2016; Dias, 2012).

Como a pesquisa arqueológica ali realizada até o momento demonstra, a ocupação pré-colonial da encosta sul catarinense evidencia diferentes padrões culturais. Grupos portadores de tecnologia lítica associada à Tradição Umu estão ali presentes desde o Holoceno antigo, assim como horticultores e ceramistas mais recentes, associados às tradições arqueológicas Taquara, Itararé e Guarani, estes últimos adentrando a região pouco antes da chegada dos europeus (Bonomo *et al.*, 2015; Farias; Kneip, 2010; Iriarte *et al.*, 2016; Milheira; Deblasis, 2011; Noelli; Souza, 2017, entre outros). Essa região foi, durante o Holoceno recente, intensamente ocupada, configurando uma área de assentamento permanente, mas também propiciou encontros de culturas distintas e, aparentemente, foi palco de um fenômeno de interação social e cultural com características próprias, locais.

Assim, este artigo tem duplo propósito. De um lado, propõe-se a sistematizar as pesquisas arqueológicas feitas na área, reunindo as informações disponíveis, provenientes de fontes diversas e esparsas. De outro, examinar as características da ocupação da região ao longo do tempo, explorando sua natureza e a contextualizando em relação ao cenário regional do sul catarinense. As considerações aqui discutidas se referem essencialmente à bacia do rio Tubarão que, voltada para a fachada litorânea, espraia-se em meio às Serras do Leste. Essa bacia, e adjacências, é a área focal deste estudo (Figura 1).

Figura 1. Na região da encosta da serra sul catarinense, a bacia do rio Tubarão e adjacências, e os sítios ali registrados, inclusive na faixa litorânea. À oeste, observa-se a escarpa abrupta do planalto.



Fonte: Banco de dados SIG organizado por Henrique Kozłowski.
Arquivos vetoriais e raster de elevação SRTM 30 da NASA.

Essa região da encosta sul catarinense tem sido considerada um ambiente periférico, no qual grupos transitaram, ou se refugiaram (Lavina, 1994; Schmitz, 1998). Entretanto, as pesquisas até agora realizadas indicam que essa área densamente florestada, mais quente e úmida que o planalto, foi ocupada ao longo de todo o Holoceno. Como buscamos mostrar neste artigo, essa ocupação, pelo menos nos últimos mil e quinhentos anos aproximadamente, não parece configurar assentamentos periféricos de áreas nucleares contíguas, do planalto ou do litoral. Ao contrário, como se vai ver adiante, contextos arqueológicos específicos desses vales e serras cobertas de Mata Atlântica geraram paisagens culturais com considerável identidade regional (Farias, 2005; Farias *et al.*, 2016).

Essa primeira síntese abrangente da região se baseia, extensivamente, nos resultados do projeto Arqueologia na Mata Atlântica (AMA) que, atuando na bacia do rio Tubarão e adjacências, buscou investigar quais (e como) sociedades pré-coloniais fizeram da Mata Atlântica seu território (Farias, 2009, 2012; Farias *et al.*, 2013, 2016; Farias; Juliani, 2011; Farias; Kneip, 2010; Farias; Neu, 2010)¹. Utiliza, também, os levantamentos desenvolvidos na região pelo projeto *Je Landscapes of Southern Brazil* (Deblasis *et al.*, 2018; Kozłowski, 2018)², além de fontes esparsas provenientes da arqueologia de contrato.

Por meio de prospecções a partir de informantes locais, numerosos sítios foram registrados. O grau de conservação da maioria deles é baixo, pois por muitos anos, a região vem sendo utilizada na pecuária e agricultura intensiva de fumo, milho, feijão, amendoim e mandioca; os mais bem preservados foram encontrados em áreas utilizadas para pastagem. Foram mapeados, no total, 305 sítios, incluindo sítios Umbu, com casas subterrâneas (Taquara/Itararé) e assentamentos Guarani (Farias *et al.*, 2013; Kozłowski 2018). Dentre eles, trinta e dois sofreram alguma intervenção arqueológica, em geral coletas de superfície e sondagens; em dois, foram abertas pequenas áreas de exposição horizontal. As intervenções privilegiaram, sobretudo, sítios líticos associados a grupos portadores de tecnologia Umbu e sítios com densas manchas escuras de solo antrópico, mas quatro sítios com casas subterrâneas também foram testados. Esses sítios são discutidos adiante.

A ENCOSTA SUL CATARINENSE. UMA REGIÃO COM CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS PRÓPRIAS

A borda oriental do Planalto Meridional brasileiro é fortemente marcada pela súbita alteração altimétrica da escarpa planáltica (Serra Geral), grosso modo orientada

¹ Este projeto foi desenvolvido entre 2003 e 2016, pelo Grupo de Pesquisas e Educação Patrimonial e Arqueologia (GRUPEP/UNISUL), sob a coordenação de Deisi Farias, com a colaboração do MAE-USP. O foco recaiu, sobretudo, na área do médio rio Braço do Norte e na microbacia do rio Caruru (afluente do baixo Tubarão). Cabe lembrar que, concomitantemente, na faixa litorânea dessa mesma região, onde se encontram numerosos sambaquis, sítios tardios com influência Je e assentamentos Guarani, teve lugar o projeto *Sambaquis e Paisagem*, estudando os padrões de ocupação da sociedade sambaquiiana (e posteriores) vis-à-vis a dinâmica da evolução da paisagem costeira ao longo do Holoceno (Deblasis *et al.*, 2007; Deblasis; Gaspar; Kneip, 2021; Gaspar; Deblasis, 2019; Gaspar *et al.*, 2008; Giannini *et al.*, 2010; Kneip; Farias; Milheira; Deblasis, 2011; entre vários outros).

² Financiado pela AHRC britânica e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e coordenado por Jose Iriarte (Univ. de Exeter) e Paulo DeBlasis (MAE-USP). Esse projeto, ativo entre 2012 e 2018, buscou examinar os diferentes padrões de ocupação dos grupos de língua Je do Sul no planalto oriental e no litoral de Santa Catarina (Corteletti *et al.*, 2016; Iriarte *et al.*, 2014; Merencio, 2021; Merencio; DeBlasis, 2021). Teve presença discreta na encosta sul catarinense, em que focou, especialmente, na área de Vargem do Cedro, no médio rio Capivari, buscando também checar as características e a cronologia de aldeias Taquara/Itararé, na área do médio Capivari (DeBlasis *et al.*, 2018; Kozłowski, 2018; Kozłowski; DeBlasis, 2019).

no sentido sudoeste-nordeste. A região da encosta da serra, entre o litoral e a escarpa, consiste em vales profundos em meio a serras rebaixadas, cujas águas drenam em direção ao litoral, tendo ao fundo a escarpa abrupta, alcantilada, do planalto. Nesse contexto geoestrutural, a região da encosta sul catarinense configura uma zona de transição, um ambiente com características peculiares, distinto daquelas regiões entre as quais se situa – a vastidão planáltica, drenando para oeste, em direção à calha do rio Uruguai, e a faixa costeira, onde predominam ambientes lagunares (Lago, 1971).

É uma região marcada pelo contraste do relevo colinar de contorno suave, sobre as formações sedimentares mais profundas da bacia do Paraná (Depressão da Zona Carbonífera Catarinense) e morros testemunhos (patamares da serra), emoldurados ao fundo pela escarpa abrupta da Serra Geral, em função de uma vigorosa tectônica mesocenozóica (Silva; Bortoluzzi, 1987). Nas proximidades da linha da costa, as altitudes máximas dificilmente excedem os 100 metros; as serras mais altas como a do Tabuleiro, ao norte da bacia do rio Tubarão, ultrapassam 1200 metros de altitude, alongando-se para o sul em uma faixa granito-gnáissica com grande diversidade petrográfica e estrutural (Figura 2).

Figura 2. Aspectos fisionômicos da Encosta da Serra meridional catarinense. Acima, à esq., relevo colinar na bacia do alto rio Braço do Norte. Em primeiro plano, o sítio Rio Facão 1. À dir., relevo colinar em Vargem do Cedro, bacia do médio rio Capivari. Abaixo, vista da pequena urbe de Grão-Pará, no miolo da bacia do rio Braço do Norte, com o alcantilado da escarpa da Serra Geral ao fundo.



Fonte: Acima, à esq. André Penin, AMA; à dir, Henrique Kozłowski, JLSB; abaixo, Odairson B. Antonello.

A porção meridional da bacia é definida pelos contrafortes alongados daquele maciço, acompanhando a escarpa e configurando amplos vales rebaixados, muito dissecados, ao longo da calha dos rios Braço do Norte, Capivari e Tubarão. Essas formações colinares, cada vez menos expressivas, vão se diluindo em meio ao ambiente mais aberto, de terraços arenosos e amplos trechos lagunares, que se estendem ao longo da faixa litorânea. Algumas dessas elevações já configuraram antigas ilhas,

hoje promontórios, como o cabo de Santa Marta – uma região que, por milênios, constituiu território de domínio dos construtores de sambaquis (Giannini *et al.*, 2010; Kneip; Farias; DeBlasis, 2018). Mais ao sul do rio Urussanga, essa configuração paulatinamente dá lugar à zona rebaixada e aplainada do extremo sul catarinense, e as serras de encosta praticamente desaparecem junto à fronteira com o Rio Grande do Sul, onde testemunhos da Serra Geral tocam o mar, formando os magníficos paredões de Torres.

A região meridional da encosta da serra catarinense apresenta considerável variabilidade em termos de altimetria, litologia, geomorfologia e fitogeografia, em que clima, topografia, solo, vegetação e fauna se relacionam de maneira a configurar certa diversidade de nichos geográfico/ambientais. Além disso, exhibe formações florestais integradas ao bioma da Mata Atlântica, a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Ombrófila Densa Montana (*faxinais*), com grande diversidade de espécies. Os faxinais são encontrados ao longo das ramificações serranas e, nas zonas de topo, as áreas de floresta nebulosa junto à borda do planalto vão dando lugar às formações de *campos* com capões (onde predominam gramíneas, ciperáceas e leguminosas), florestas ciliares e pinheirais (Klein, 1978). No altiplano contíguo, acompanhando os vales dos rios Pelotas e Canoas, domina a Floresta Ombrófila Mista, as matas de araucárias (Schäffer; Prochnow, 2002). Na encosta, mais quente e úmida que o planalto, a drenagem é abundante e ramificada, e a composição vegetal exhibe exuberante diversidade de perfis regionais (IBGE, 1990, p. 119). A Floresta Ombrófila Densa exhibe grandes formações arbóreas, com altura entre 25 e 30 metros, perenefoliadas e densamente dispostas, e grande variedade de epífitas e pteridófitas (Klein, 1984).

A partir de uma amostragem palinológica na borda do planalto, Behling (1998) indica período mais frio, na passagem do Pleistoceno para o Holoceno, nessa área. As florestas se encolheram nos trechos mais quentes e úmidos dos fundos de vale e suas encostas baixas, desnudando os topos e vertentes mais altas e expostas, favorecendo, ali, a expansão das formações de campo aberto. Por volta do Holoceno médio (entre 6 e 3 mil anos atrás), entretanto, o autor reporta a presença de clima tropical e ambiente densamente florestado nos terrenos mais rebaixados.

Hadler e colegas (2024), examinando a pequena fauna encontrada em um abrigo na encosta da bacia do rio Itajaí, mais ao norte, reforçam a grande estabilidade ambiental ao longo do Holoceno. Scheel-Ybert, Bianchini e DeBlasis (2009), por sua vez, indicam o aquecimento dos ambientes lagunares do litoral sul catarinense, detectado por meio da presença de mangue nessa área. A expansão da Floresta Ombrófila Mista nas terras altas se dá a partir de cerca de 3000 anos atrás, conquistando as áreas de campos há cerca de mil anos, quando adquire a fisionomia adensada que até recentemente exhibia (Bitencourt; Krauspenhar, 2006; Iriarte; Behling, 2007). Estudos interdisciplinares recentes indicam que a dispersão de grupos falantes de línguas Je do Sul pelo planalto meridional teve importante papel na disseminação das matas de araucária e, possivelmente, outras espécies (Lauterjung *et al.*, 2018; Pereira Cruz *et al.*, 2020; Robinson *et al.*, 2018).

Em suma, a região da encosta da serra catarinense é rica em recursos florísticos diversificados, com diferentes matizes em termos de formações florestais, madeiras, tubérculos, frutos e ervas essenciais. A caça de pequeno e médio porte é abundante, incluindo insetos variados e alguma pesca nos rios maiores – sem contar a relativa proximidade dos ambientes planálticos, de um lado, e litorâneos, de outro. Os vales intermontanos da região são bastante propícios para atividades agrícolas, como demonstram os núcleos coloniais mais recentes de imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães, na área. Assim, do ponto de vista ambiental, não há por que não considerar a possibilidade da encosta meridional catarinense suportar economicamente um território nuclear de ocupação – o que, como se verá a seguir, parece se confirmar plenamente ao longo do Holoceno recente, se não antes.

HORIZONTES ANTIGOS DE OCUPAÇÃO NA ENCOSTA SUL CATARINENSE

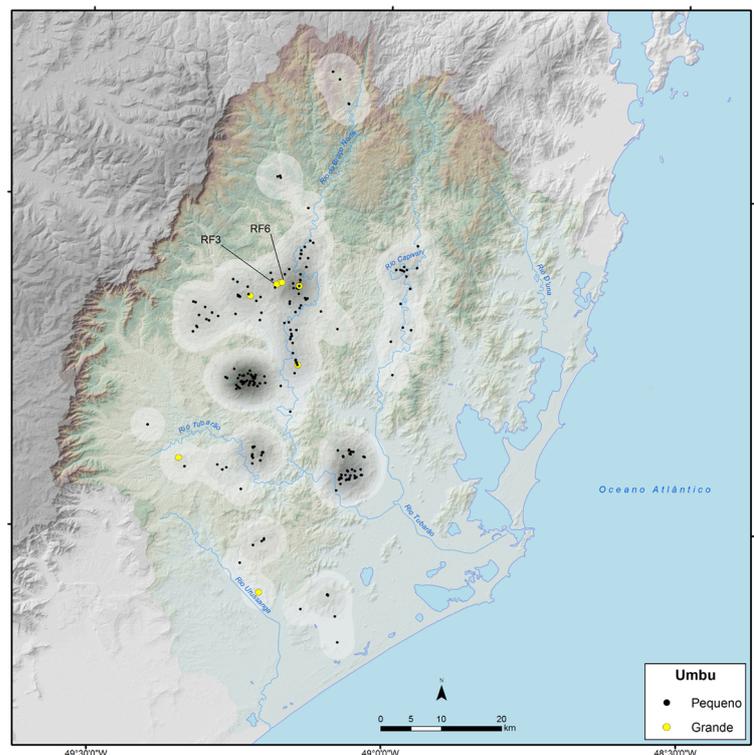
A Tradição Umbu foi descrita por diversos autores (Dias, 2012; Prous, 1992; Schmitz, 1987; entre outros) como um padrão tecnológico/cultural de ampla dispersão pela região sul do Brasil

e adjacências. Exibe tecnologia lítica sofisticada, envolvendo o uso seletivo de matérias primas e trabalho sistemático dos núcleos com cadeias operatórias elaboradas. A ênfase recai na obtenção de suportes adequados, em geral lâminas e lascas grandes e alongadas, para uma gama de artefatos, como pontas bifaciais, lesmas e utensílios plano-convexos, furadores, buris etc. Envolve também grande investimento na *façonnage* e acabamento desses artefatos, incluindo técnicas de tratamento térmico, percussão suave e retocagem por pressão (Dias, 2012; Hoeltz, 2005; Lourdeau; Hoeltz; Viana, 2014, entre outros).

A ocupação da encosta sul catarinense por grupos portadores de tecnologia Umbu está presente desde, pelo menos, o Holoceno antigo, e seus sítios são conspícuos na área (Farias, 2005; Farias *et al.*, 2013, 2016). Levantamentos na bacia do rio Tubarão identificaram 255 sítios a céu-aberto com vestígios líticos, quase sempre rasos (sítios estratificados são raros), às vezes associados a manchas escuras no solo, as quais ocorrem também sem (ou com escassa) presença de materiais líticos. Via de regra, esses sítios vêm sendo bastante afetados pelo intenso uso do solo na região em tempos modernos, sobretudo por atividades agrícolas diversas e pastagem (Campos, 2009a; Farias, 2005, 2006, 2009, 2012; Farias; Neu, 2010).

Os sítios líticos registrados na bacia do rio Tubarão são pequenos, a maior parte deles (64%) com área entre 300 e 500 m². Alguns são ainda menores, com vestígios rarefeitos e superficiais, e poucos superam cerca de 800 m². Preferem quase sempre áreas de meia-encosta, topos e patamares de colina a montante dos rios maiores, agrupando-se nos fundos de vale um pouco mais elevados, entre 100 e 500 metros; apenas 9% deles estão acima de 500m de altitude. Esses agrupamentos exibem sítios próximos, distando entre si de 200 a 500 metros. A distribuição dos sítios conhecidos e seu adensamento permitem perceber um padrão de ocupação nucleado e extensa territorialidade no âmbito da encosta meridional catarinense (Figura 3). Há informações sobre a existência de muitos outros sítios nessa área, e o adensamento deve ser ainda mais intenso.

Figura 3. Distribuição dos sítios Umbu na bacia do rio Tubarão e adjacências. As zonas mais escuras representam áreas de adensamento Kernel.



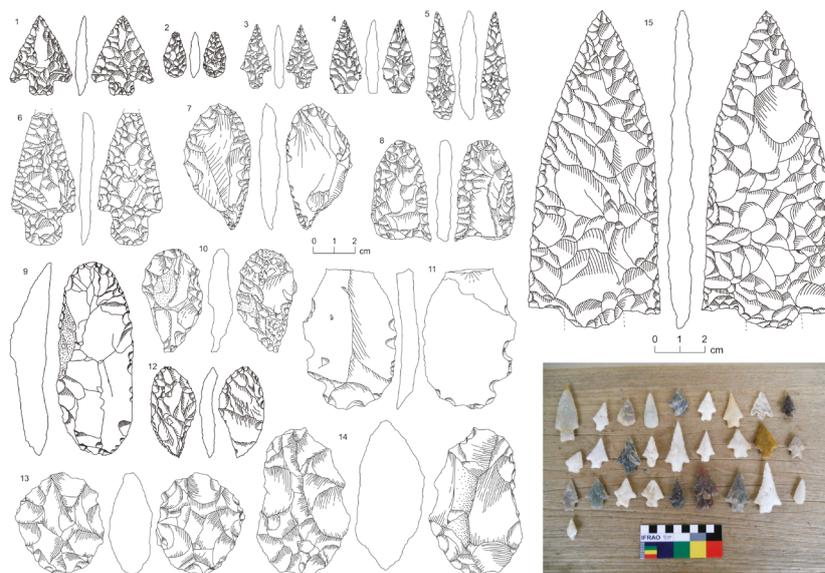
Fonte: Arquivos vetoriais e *raster* de elevação SRTM 30 da NASA.

Esses dados revelam preferência pelas zonas intermediárias da bacia, entre os fundos de vale, mais amplos e abertos, dos rios maiores (como o Braço do Norte e o Capivari) e as zonas mais elevadas das serras. Em tese, esse posicionamento facilita o alcance ao amplo espectro de ecótonos e recursos proporcionados pela região, desde as florestas mais densas das áreas rebaixadas aos faxinais mistos dos ambientes de maior altitude.

Foram examinadas as coleções líticas de 26 sítios salvaguardadas no GRUPEP/UNISUL, em Tubarão, provenientes da área do médio rio Braço do Norte. Segue uma descrição conjunta desses materiais, ligeira e sintética, uma vez que, à exceção de cinco sítios (cujos dados aparecem na Tabela 1), ainda não foram submetidos a uma análise detalhada. Em uma primeira aproximação, preliminar e exploratória, seis sítios foram considerados *grandes*, ou *densos* – não apenas um pouco maiores, mas também com maior volume de vestígios e maior diversidade de matérias-primas, em que as sequências de produção dos utensílios, ou parte significativa delas, se fazem mais perceptíveis. O padrão tecnológico desses sítios é bastante semelhante: uma indústria sobre lascas, mas também usando outros suportes, em matérias-primas diversificadas. O material é, quase sempre, muito curado, os vestígios bastante reduzidos; são raras as peças de maiores proporções. Têm, no geral, considerável volume de materiais, provenientes tanto da debitage dos núcleos e extração de suportes, quanto da *façonnage* dos artefatos e seu acabamento. As diferenças ficam por conta, principalmente, da proporção relativa das matérias-primas, da variabilidade artefactual e do volume de debitage, percebendo-se neles a presença de diferentes etapas da cadeia operatória, com diferentes matérias-primas.

A indústria lítica utiliza principalmente quartzo, abundante na área. Foram identificados na região afloramentos com boa aptidão ao lascamento, mas parte do material analisado provém de cascalheiras; os remanescentes corticais, quando presentes (em geral, as primeiras etapas de produção ocorrem fora desses sítios), deixam entrever o uso de seixos de proporções consideráveis. Nos sítios analisados em detalhe, a debitage bipolar é dominante (Tabela 1); no entanto, núcleos globulares e lascas unipolares aparecem com maior ênfase em alguns deles. Uma variedade de outras rochas também está presente, sobretudo rochas básicas e sílex, mas em quantidade menor, demonstrando o domínio do amplo espectro litológico disponível na área (Santos; Costa; Campos, 2015).

Figura 4. Pontas bifaciais e outros artefatos provenientes dos sítios estudados da área do rio Facão (na bacia do médio rio Braço do Norte) e proximidades. As peças 2 a 5 são em quartzo, 14 em arenito silicificado; as demais, em diferentes variedades de rochas criptocristalinas. Na foto, pontas bifaciais da área de Vargem do Cedro (bacia do rio Capivari), com predomínio de variedades de quartzo (fonte: desenhos Edenir B. Perin,



Fonte: foto Henrique Kozlowski).

Entre os artefatos, as típicas pontas e pré-formas bifaciais são frequentes, presentes na maior parte dos sítios; mas utensílios plano-convexos e outras variedades de raspadores, furadores e lascas retocadas, quase sempre com bastante desgaste nos bordos ativos, também compõem (Figura 4). Em alguns desses sítios, a quantidade de lascas de acabamento e de microvestígios, inclusive microlascas provenientes da retocagem dos artefatos, indica a presença dos processos de formatação e finalização dos instrumentos. Outras atividades são atestadas pela presença de blocos espatifados e almofarizes, em rochas básicas e graníticas, em geral muito queimados e intemperizados.

As coleções desses sítios mais densos exibem características diferenciadas. Em Rio Facão 1 (RF1), encontra-se debitage abundante em quartzo (e algum sílex), lascas de acabamento e muitos microvestígios, inclusive microlascas de retoque, estando presentes também pontas bifaciais e pré-formas. Nesse sítio, também aparecem blocos de espatifamento e granito lascado, bem como rochas básicas muito queimadas e intemperizadas, inclusive um almofariz chato. A coleção de RF3 não é muito abundante, mas a alta proporção de artefatos (raspadores, lesmas, furadores, lascas retocadas) em matérias primas diversificadas sugere se tratar de um local de atividades variadas. Além de algumas pontas bifaciais em quartzo (e uma pré-forma em quartzito), há uma peça laminar e uma lasca inicial retocada como raspador circular, ambas em basalto. Uma lasca de preparo de bordo de núcleo em sílex sugere debitage *in situ* nessa matéria-prima, relativamente escassa nos sítios da área.

Bastante denso, RF6 configura uma “oficina lítica” com debitage volumosa focada principalmente no trabalho em quartzo, um material cristalino bastante homogêneo, de ótima qualidade, proveniente de um veio rochoso. A matéria-prima é selecionada, quase sem córtex, desbastada antes de ser trazida para o local. O quartzito comparece em menor proporção. Nesse sítio, o trabalho sobre os núcleos é intenso, com grande quantidade de lascas grandes de redução e preparo, assim como suportes volumosos fragmentados e não utilizados. Algumas lascas de acabamento, grandes e delgadas, são evidência da excelência dessa tecnologia em quartzo, assim como da qualidade da matéria-prima. Retocagem abundante complementa a sequência de produção de artefatos que, entretanto, quase não estão presentes nessa cena, aparecendo apenas várias pré-formas (uma delas em quartzito), uma ponta bifacial finalizada (quebrada) e algumas lascas retocadas, em quartzo. A debitage unipolar sobre núcleos globulares preparados predomina, observando-se ainda blocos espatifados angulosos e lascas espessas de preparação de núcleo.

Em Grão-Pará 1 (GP1), quartzo de boa qualidade também predomina, mas aparece alguma quantidade de sílex e quartzito. São abundantes as lascas de debitage, acabamento e retoques, e fragmentos grandes em quartzo de cascalheira (inclusive um calhau não lascado). Um núcleo em quartzito com ótima aptidão ao lascamento, fragmentos de bloco e um raspador bem acabado atestam o manuseio sistemático dessa matéria prima. No sítio em questão, foram encontradas também várias pontas bifaciais em quartzo e algumas pré-formas. Aqui, é possível perceber, com nitidez, a existência de uma indústria em rochas básicas diretamente associada a esse contexto Umbu, incluindo pré-formas e artefatos bifaciais com gume transversal polido (em geral, lâminas de machado), mas também outras peças com faces chatas e polidas, talvez adornos. Ocorrem ainda peças com seção transversal triédrica de basalto colunar, com marcas de uso nas extremidades e nas bordas laterais, e seixos pesados com marcas de uso, tudo em geral muito afetado pela intensa oxidação das superfícies. Lascas e fragmentos volumosos dessas rochas básicas também estão presentes.

A coleção de outro sítio lítico superficial (até 30 cm), Braço do Norte 4 (BNT-4), que exhibe uma mancha enegrecida discreta, consiste em 1687 peças, na maioria lascas (66%) de debitage e acabamento e fragmentos (24%). Aqui, também predomina o quartzo, mas a calcedônia e o basalto estão presentes (Tabela 1). Foram encontradas oito pontas bifaciais em quartzo e 24 pré-formas (em quartzo, calcedônia e arenito silicificado), 15 peças foliáceas em quartzo (três em calcedônia), assim como raspadores sobre lascas de debitage de núcleo, indicando a preparação e formatação local de artefatos. Algumas lesmas sobre suportes grandes, totalmente formatadas, e lascas delgadas com retoques periféricos também compõem a coleção. Há, ainda, três lâminas de machado com polimento

apenas no gume (uma característica recorrente nesses sítios), e duas mãos-de-pilão, em basalto. Nesse sítio, a debitagem dos núcleos é bastante reciclada, observando-se artefatos sobre lascas de preparação do núcleo, lascas de retoque e algumas lascas fraturadas acidentalmente (*siret*). Percebe-se também parcela considerável da cadeia operatória, inclusive espatifamento de blocos de quartzo, menos as fases iniciais: o descorticamento acontece alhures. O perfil artefactual desse sítio sugere uma área de atividades diversas, talvez associada a um contexto doméstico.

As características da coleção de Major Gercino 6 (MG-6), datado do Holoceno médio, são um pouco diferentes. Aqui, o quartzo também predomina, mas há maior proporção de sílex e quartzito de boa qualidade, inclusive lascas de acabamento muito delgadas e lascas de retoque. Essas lascas que aparecem em boa quantidade sugerem pouca debitagem e formatação de artefatos no local, mas os vestígios de retoque são abundantes. Há uma considerável parcela da cadeia operatória do quartzo presente nesse sítio, onde também ocorrem vários seixos, em rochas básicas e graníticas, muito queimados, alguns com faces polidas, e dois percutores. Nota-se ainda alguma quantidade de gnaisses muito queimados e intemperizados, às vezes com evidências de espatifamento, e alguns almofarizes fragmentados em granito. Pontas bifaciais em sílex, a maioria fragmentada, e pré-formas também compõem.

Em suma, apesar do predomínio geral do quartzo, a proporção de sílex, quartzito e rochas básicas é maior em alguns sítios. São materiais de boa qualidade exibindo lascas de debitagem, acabamento e retoque. Assim como o basalto, percebe-se a existência de uma indústria em quartzito: em alguns sítios, encontram-se sequências de debitagem em variedades mais homogêneas dessa rocha. Em materiais criptocristalinos (em especial calcedônia) e arenito silicificado de qualidade, de geral rarefeitos, encontram-se apenas pontas bifaciais, alguns raspadores bastante desgastados e, ocasionalmente, lascas diminutas de retoque. Embora em poucos sítios se encontre alguma debitagem de calcedônia, vários desses artefatos parecem chegar já prontos nessa área do rio Braço do Norte, sendo apenas reavivados e reciclados, sugerindo circulação de materiais (talvez utensílios prontos) provenientes de áreas mais distantes.

Os sítios menores apresentam um perfil tecnológico semelhante, mas com menor, e bastante variável, volume de vestígios. Nesses pequenos conjuntos (às vezes apenas discretos *scatters*), a proporção de artefatos tende a ser maior, com peças de materiais raros, como calcedônia e *chert*, aparecendo ocasionalmente, muito usados e quebrados. A presença de artefatos em quantidade proporcionalmente grande, e muito usados, evoca áreas de atividade intensa e/ou recorrente. O quartzo sempre predomina, mas, em alguns sítios, quartzito e basalto aparecem em proporção considerável.

Em Farias (2012), há uma descrição de quatro desses sítios pequenos (e um grande) localizados na área do médio Capivari, todos muito afetados por atividade agrícola recente. As coleções analisadas totalizam 2403 itens (Tabela 1). Apesar de se tratar de uma amostra exígua, algumas características gerais saltam aos olhos. Por exemplo, em todas elas o quartzo predomina, sobretudo a partir de debitagem bipolar, com grande quantidade de fragmentos e materiais que quase não exibem córtex. Artefatos bifaciais são onipresentes, assim como polidos em rochas básicas.

O sítio Rio Fortuna 23 (RFT-23), com 131 peças coletadas em superfície, não exhibe estratigrafia. A coleção contém exclusivamente quartzo, lascas e detritos, mais uma ponta bifacial. Em RFT-54 (481 peças), o quartzo também predomina, principalmente lascas e detritos. Entre os artefatos, aparecem calcedônia, granito e basalto: duas pontas bifaciais (calcedônia e quartzo) e três pré-formas (em quartzo) e polidos. Blocos de quartzo e basalto mostram algum trabalho desses materiais no local. BNT-7, sítio lítico superficial com apenas 33 peças, exhibe detritos, blocos naturais, lascas bipolares e pontas bifaciais em quartzo, além de alguns artefatos polidos. A coleção de BNT-8, também superficial (71 peças), contém detritos e lascas, inclusive “grandes lascas em quartzo muito bem trabalhadas” (Farias, 2012, p. 65). Uma ponta bifacial em quartzo está presente.

Tabela 1. Acima, matérias primas nos sítios líticos analisados em detalhe. *N* refere-se ao número de itens computados; *silex* engloba variedade de rochas criptocristalinas, sobretudo calcadônia. A última coluna expressa a proporção de itens onde remanescentes corticais estão ausentes. Abaixo, categorias tecnológicas gerais dos mesmos sítios. *Artefatos* inclui toda a gama de instrumentos lascados, à exceção dos bifaciais. Em RFT-54, *polidos* inclui um almofariz em granito e um amolador em arenito. À exceção de *N*, valores expressos em percentuais (%).

sítio	N	quartzo	básicas	silex	outras	sem cortex	
RFT-23	131	100				100	
RFT-54	481	97	2	0,6	0,4	98	
BNT-04	1687	76	7	15	2	95	
BNT-07	33	85	6		9	85	
BNT-08	71	75	3	21	1	83	
	lascas	fragmentos	blocos	artefatos	bifaciais	polidos	núcleos
RFT-23	39	58	3				
RFT-54	53	41	4	0,2	1	0,8	
BNT-04	66	24	2	2	4	1	1
BNT-07	10	54	22		12	2	
BNT-08	35	45	3	2	9		6

Fonte: dados compilados em Farias (2012).

Esses sítios líticos menores são bastante conspícuos e, nas áreas mais prospectadas da região (como se vê na Figura 3), integram-se espacialmente aos maiores, formando agrupamentos (Perin, 2007). Essas categorias, *grandes* e *pequenos*, foram usadas aqui apenas como uma primeira aproximação da variabilidade desses sítios Umbu da encosta sul catarinense. Sem dúvida, mascaram considerável diversidade em termos de durabilidade, funcionalidade e cronologia. A análise mais detalhada das coleções, e algum refinamento cronológico, devem permitir uma melhor resolução da variabilidade funcional e temporal desses sítios. Apesar disso, a superficialidade e a similitude tecnológica e tipológica da indústria, de um lado, e a característica associativa que exibem, de outro, sugerem que se trata de um horizonte cultural de ampla dispersão pela região da encosta sul catarinense, talvez mesmo além. A cronologia disponível reforça essa percepção.

Datações radiocarbônicas desses sítios Umbu da encosta são escassas (Tabela 2). São recentes, entre 1200 e 400 anos atrás aproximadamente, à exceção de MG6, que alcança cerca de 4200 anos cal aP (antes do Presente), evidenciando sua presença mais antiga³. Apenas dois sítios exibem mais de uma datação (Santa Rosa I e II), praticamente concomitantes. Juntamente com as demais, indicam que as características tecnológicas Umbu subsistiram na encosta sul catarinense até tempos muito recentes (figura 5), imiscuindo-se com os sítios com *mancha escura*, sendo também contemporâneos dos vestígios discretos de grupos Je e talvez mesmo de registros históricos ainda mais recentes – o que conduz à discussão mais à frente.

³ Datações ainda não publicadas da bacia do alto rio Tubarão apontam que portadores de tecnologia Umbu estão presentes nessa região desde, pelo menos, o Holoceno antigo (J. Campos, com. pessoal). Datas mais recuadas nessa área da encosta não devem causar surpresa, tendo em vista que, na época mais fria do final do Pleistoceno, essa região deve ter guardado clima mais ameno, com reservas de flora e fauna protegidas, servindo de refúgio, e mesmo chamariz, para grupos forrageiros.

Tabela 2. Datações disponíveis para os sítios da bacia do rio Tubarão e adjacências.
Os sítios com *mancha escura* são discutidos adiante.

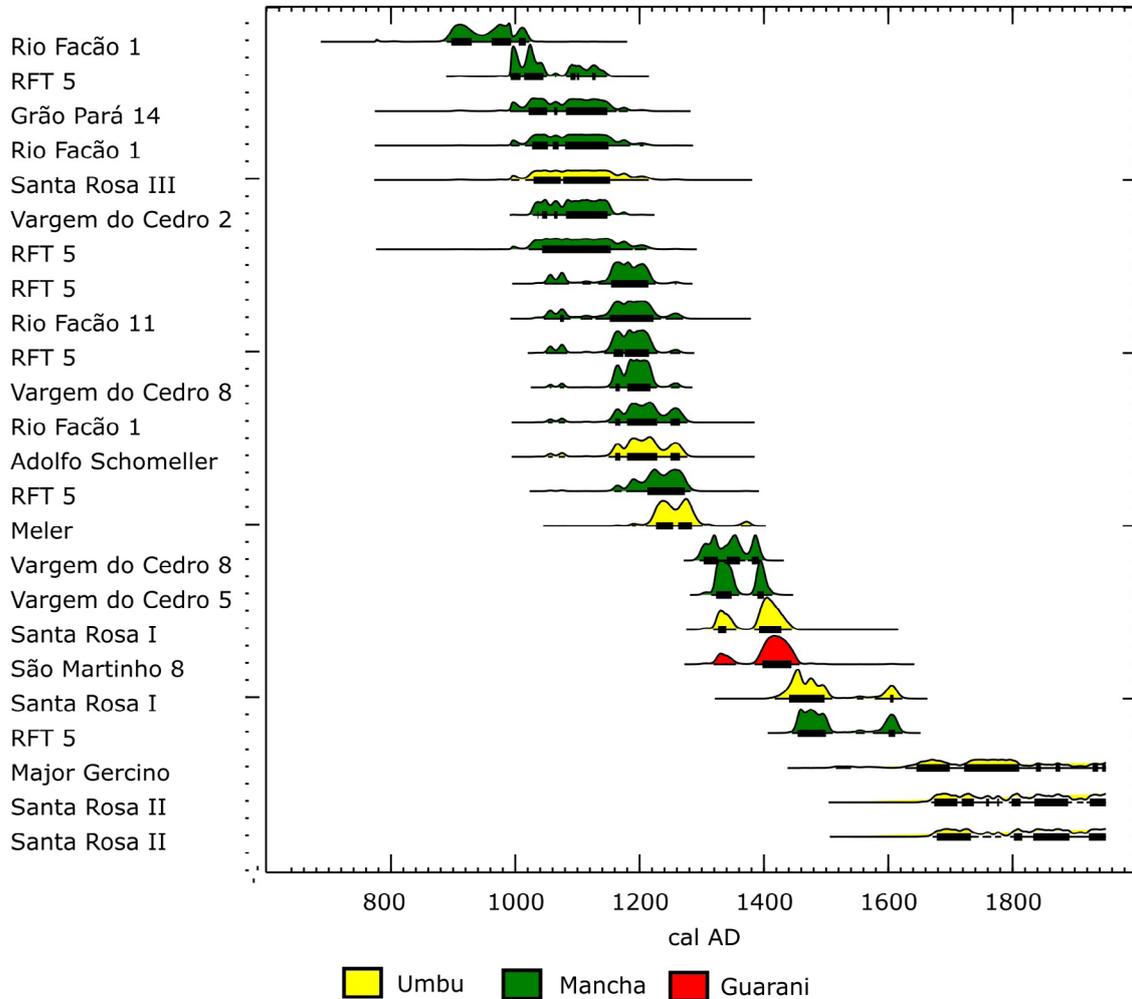
sítio	sigla	lab	CRA	±	cal BP (2 σ)	filiação	referência
Santa Rosa I	SR1	Beta 256274	590	40	505 - 566	Umbu	FARIAS, 2006
Santa Rosa I	SR1	Beta 256275	460	40	440 - 533	Umbu	FARIAS, 2006
Santa Rosa II	SR2	Beta 256276	180	40	166 - 281	Umbu	FARIAS, 2006
Santa Rosa II	SR2	Beta 256277	170	40	0 - 154	Umbu	FARIAS, 2006
Santa Rosa III	SR3	Beta 265887	990	60	735 - 934	Umbu	FARIAS, 2006
Meler	Mel	Beta 280023	800	40	649 - 740	Umbu	FARIAS, 2006
Adolfo Schomeller	ASm	Beta 265886	880	40	673 - 800	Umbu	FARIAS, 2006
Major Gercino	MG	Beta 202016	230	60	0 - 323	Umbu	FARIAS, 2006
Major Gercino 6	MG6	Beta 287108	5370	40	4266 - 4045	Umbu	FARIAS, 2012
Rio Facão 1	RF1	Beta 211735	880	40	673 - 800	<i>mancha</i>	FARIAS, 2009
Rio Facão 1	RF1	Beta 235320	1170	40	957 - 1097	<i>mancha</i>	FARIAS, 2009
Rio Facão 1	RF1	Beta 235321	1000	50	765 - 934	<i>mancha</i>	FARIAS, 2009
Rio Facão 1	RF1	Beta 280022	1130	40	927 - 1060	<i>mancha</i>	FARIAS, 2009
Rio Facão 11	RF11	Beta 242801	910	40	716 - 821	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Grão Pará 14	GP14	Beta 242799	1020	50	787 - 959	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Rio Fortuna 5	RFT 5	Beta 292579	920	30	724 - 817	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Rio Fortuna 5	RFT 5	Beta 292580	980	50	761 - 928	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Rio Fortuna 5	RFT 5	Beta 292581	1050	30	899 - 959	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Rio Fortuna 5	RFT 5	Beta 292582	430	30	439 - 505	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Rio Fortuna 5	RFT 5	Beta 292583	910	30	721 - 807	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Rio Fortuna 10	RFT10	Beta 292584	850	40	668 - 772	<i>mancha</i>	FARIAS, 2012
Vargem do Cedro 2	VC2	UGAMS-32433	990	25	796 - 922	<i>mancha</i>	KOZLOWSKI, 2018
Vargem do Cedro 5	VC5	UGAMS-32434	630	25	590 - 635	<i>mancha</i>	KOZLOWSKI, 2018
Vargem do Cedro 8	VC8	UGAMS-32431	900	25	722 - 799	<i>mancha</i>	KOZLOWSKI, 2018
Vargem do Cedro 8	VC8	UGAMS-32432	670	25	580 - 654	<i>mancha</i>	KOZLOWSKI, 2018
São Martinho 8	SM8	Beta 280021	560	50	493-565	Guarani	DE MASI, 2003

Para o extremo sul catarinense, entre as bacias do rio Tubarão e do rio Mampituba (já nas proximidades de Torres), as informações sobre ocupações mais antigas são escassas. No litoral, onde vários sambaquis e assentamentos Guarani são conhecidos, as datações não recuam além do Holoceno médio (Campos *et al.*, 2013, Campos 2015). O mesmo ocorre mais ao sul de Torres, nas lagoas do litoral setentrional do Rio Grande do Sul (Campos *et al.*, 2023). Rohr (1982) descreve a presença de numerosos sítios líticos com indústrias predominantemente em quartzo, inclusive pontas bifaciais e outros artefatos, na região do alto rio Urussanga, uma bacia contígua e fisiologicamente bastante integrada àquela do rio Tubarão. É um trecho com vales e colinas rebaixadas e grande variedade litológica e microambiental.

Mais ao sul, sítios líticos discretos, nos flancos da escarpa da serra, junto a cascalheiras abundantes, não foram datados e permanecem elusivos. No geral, não exibem características diagnósticas claras (sugestivamente, em um caso, uma ponta bifacial se faz presente), e podem se relacionar a outros contextos de ocupação da área (Campos, 2008, 2009b, 2010, 2011; Lavina, 2002).

Figura 5. Datações calibradas para a encosta da serra sul catarinense, excluindo-se MG6.

Como se vê, sítios Umbu e com mancha escura configuram um mesmo horizonte regional, entre 1000 e 400 anos atrás aproximadamente, talvez mesmo alcançando época ainda mais recente.



Fonte: dados organizados pelos autores. Calibração realizada no CALIB rev. 8 (Stuiver; Reimer, 1993).

Esse horizonte Umbu mais recente e denso (em torno de mil anos atrás), com ampla dispersão regional (Farias, 2005, 2011; Farias *et al.*, 2016; Figura 3), certamente mascara assentamentos mais antigos, além dos dois mapeados. Apesar das datações rarefeitas, a densidade e estratificação de alguns sítios indicam assentamentos duradouros e/ou locais preferenciais recorrentemente ocupados. Parece, assim, tratar-se de um sistema regional de ocupação mais longo, e não ocupações esparsas, periféricas ou sazonais.

Esse padrão territorial regionalizado é reforçado pela constatação do uso predominante de matérias-primas locais; em especial, variedades de quartzo, mas também de quartzito e rochas básicas, e mesmo graníticas. Ainda que conexões mais amplas estejam sugeridas pela presença de matérias-primas rarefeitas, principalmente variedades de calcedônia e arenito silicificado, provenientes talvez de áreas mais distantes, a parcimônia com que ocorrem acentua a percepção

de que tais contatos se dão para além de um certo território de domínio cotidiano, definido no âmbito da própria encosta da serra – que, assim, adquire sua marca regional, configurando uma faceta peculiar, um “regionalismo”, da Tradição Umbu. Esse território parece se conectar a uma rede maior, incluindo o planalto adjacente e mesmo outras áreas mais distantes, onde sítios Umbu também são comuns (Corteletti, 2013; Labrador, 2018). Esse padrão parece ter se tornado dominante ao longo do Holoceno recente, subsistindo até a chegada dos grupos de língua Je e até mesmo, talvez, tempos mais recentes.

Assim, argumenta-se que grupos portadores de tecnologia Umbu, ao longo do Holoceno, foram adquirindo estabilidade territorial manejando, diversificando e intensificando sua relação com o ambiente de morros e vales florestados. Esta perspectiva de que a ocupação Umbu na encosta da serra sul catarinense configura um perfil regionalizado é compatível com esforços recentes em detectar diversidade regional para essa tradição como fazem, por exemplo, Okumura e Araujo (2014; 2017), a partir de parâmetros morfométricos das pontas bifaciais, sendo possível ver também outra perspectiva em Dias e Lourdeau (2023). A peculiaridade da ocupação Umbu na encosta meridional aparece nem tanto na variabilidade morfológica das pontas bifaciais (que é grande), mas especialmente no uso recorrente e sistemático de matérias-primas locais, sobretudo o quartzo, sem perder o escopo tecnológico sofisticado, que tão bem caracteriza essa tradição. Juntamente com o adensamento dos assentamentos em áreas de meia altitude e a cronologia ainda rarefeita, que são características que evidenciam domínio do território e permanência na encosta.

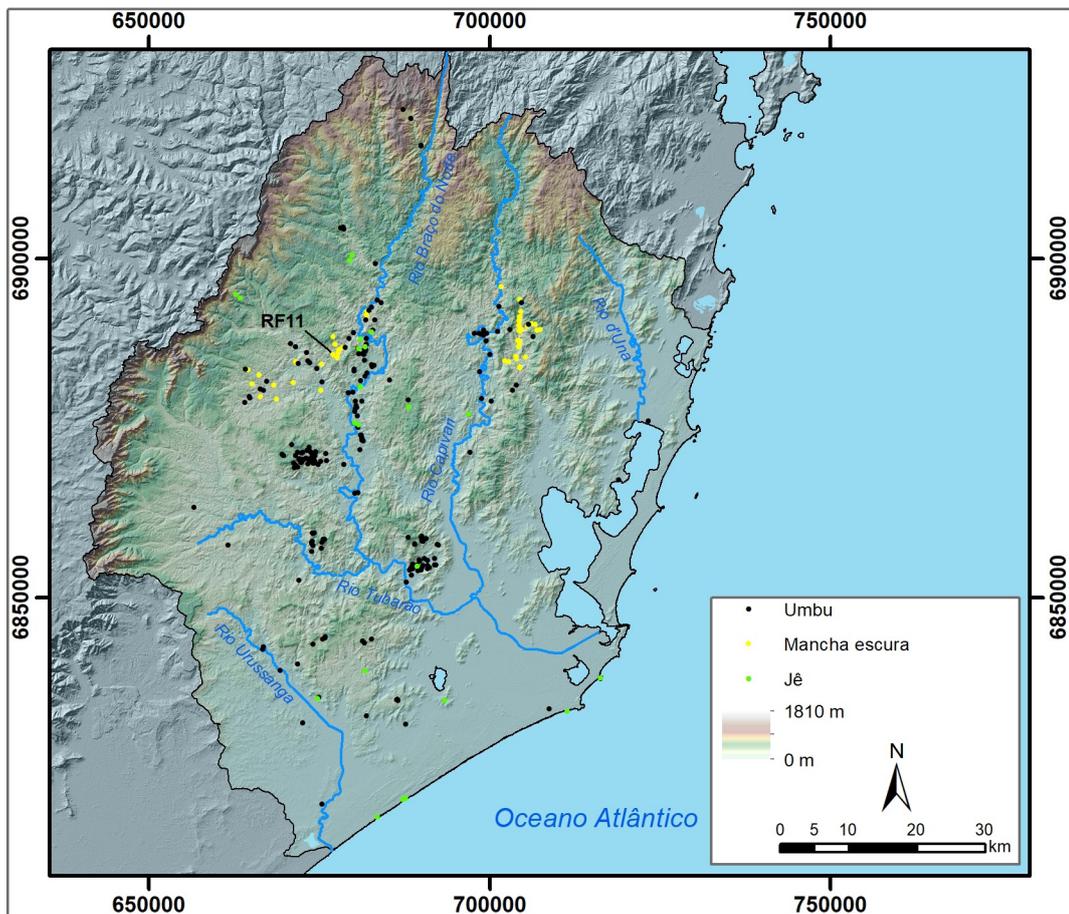
OS SÍTIOS COM MANCHAS DE SOLO ESCURO

Foram cadastrados 29 sítios caracterizados pela presença de densas manchas escuras no solo, de formato aproximadamente circular e dimensões em torno de 20 metros de diâmetro. Essas manchas parecem se concentrar em colinas de meia encosta nas zonas mais altas e encaixadas dos vales, e são caracterizadas pela concentração de grande quantidade de carvão, o que lhes empresta a tonalidade enegrecida.

Alguns desses sítios formam *clusters* com várias manchas muito próximas, aparentemente consorciadas, ocupando uma mesma vertente, ou vertentes contíguas, nessa área do rio Braço do Norte, como também na média bacia do rio Capivari (Kozłowski, 2018). Cerca de 70% deles são contíguos a sítios com os materiais líticos descritos acima — o que, por si só, sugere fortemente sua conexão com o contexto de ocupação Umbu (Figura 6). Alguns foram datados (Tabela 1) e a cronologia coesa em torno do ano mil aP é perfeitamente compatível com o horizonte recente dos sítios Umbu discutido acima. As datações mostram que algumas manchas próximas foram usadas sequencialmente. Uma delas, Rio Facão 11, foi escavada em maior detalhe (Farias, 2012).

O rio Facão é tributário em segundo grau do Braço do Norte, percorrendo um trecho serrano com cabeceiras acima dos 400 metros de altitude. RF-11 é constituído de duas manchas escuras muito próximas (cerca de 15 metros), quase sem vestígios líticos, com pacote estratigráfico de aproximadamente 50 centímetros de espessura contendo muito carvão. Em cada uma delas foram abertas trincheiras ortogonais, e 30 m² foram escavados na área central de cada mancha. Ali, foram encontradas grandes estruturas de combustão formadas por blocos rochosos muito queimados e, na borda de uma delas, três marcas de estaca aparentando postes de sustentação (Figura 7).

Figura 6. Distribuição dos sítios com manchas escuras na encosta sul catarinense, notando-se sua contiguidade aos agregados de sítios Umbu nas áreas pesquisadas, no médio rio Braço do Norte (AMA) e no médio Capivari (JLSB). Em verde sítios associados a grupos Je, discutidos à frente.



Fonte: banco de dados SIG organizado por Henrique Kozłowski.

Arquivos vetoriais e *raster* de elevação SRTM 30 da NASA.

Materiais líticos de quatro desses sítios foram analisados, RF-11, GP-14, GP-15 e RFT-55. Em todos eles, a maior parte do material coletado é composto de blocos de rochas diversas muito queimados, com predomínio de granitos e quartzitos. Há, também, certa quantidade de seixos e calhaus, tudo muito alterado e fragmentado pela ação do fogo. Ocasionalmente, algumas lascas aparecem, em geral também queimadas, pouco diagnósticas do ponto de vista tecnológico – ainda que, em RF-11, três lascas diminutas de quartzo hialino, as únicas coisas não queimadas ali, evoquem fortemente o padrão tecnológico Umbu (esse sítio é o único em seu *cluster* a não apresentar pontas bifaciais). Faz-se presente ainda, nesse sítio, um bloco de quartzito trabalhado e fragmentos de almofarizes côncavos e chatos, queimados, algumas peças lascadas em basalto, e raros vestígios ósseos de fauna de maior porte, muito fragmentados e queimados.

Juntamente com os sítios Umbu descritos acima, esses sítios com manchas escuras configuram agrupamentos em zonas de meia encosta à média altitude, em torno de 400 a 500 metros. Não parecem locais habitacionais, pois a presença de artefatos é bastante discreta; mais parecem sítios nos quais algum tipo de atividade mais específica teve lugar – talvez locais de congregação social, *feasting*. A cronologia, associação espacial e indícios tecnológicos discretos indicam que se integram ao horizonte tardio de ocupação de grupos com tecnologia Umbu.

Figura 7. Acima, escavações na mancha 1 do sítio RF11.

Abaixo, estrutura central de rochas queimadas e marca de estaca na mancha 2.



Fonte: fotos Deisi Farias, AMA.

Por outro lado, a presença rarefeita (dois, três fragmentos) de vestígios cerâmicos, em alguns poucos desses sítios, representa um contexto no qual a presença Je se faz sentir, relacionada talvez a contatos e/ou movimentação de grupos provenientes do planalto próximo, densamente ocupado nessa época (Corteletti; Labrador; DeBlasis, 2023; Noelli, 2000; Noelli; Souza, 2017). As características da presença Je na encosta sul catarinense em época pré-colonial permanecem ainda pouco claras, como se vai ver a seguir.

O HORIZONTE JE NA ENCOSTA SUL CATARINENSE

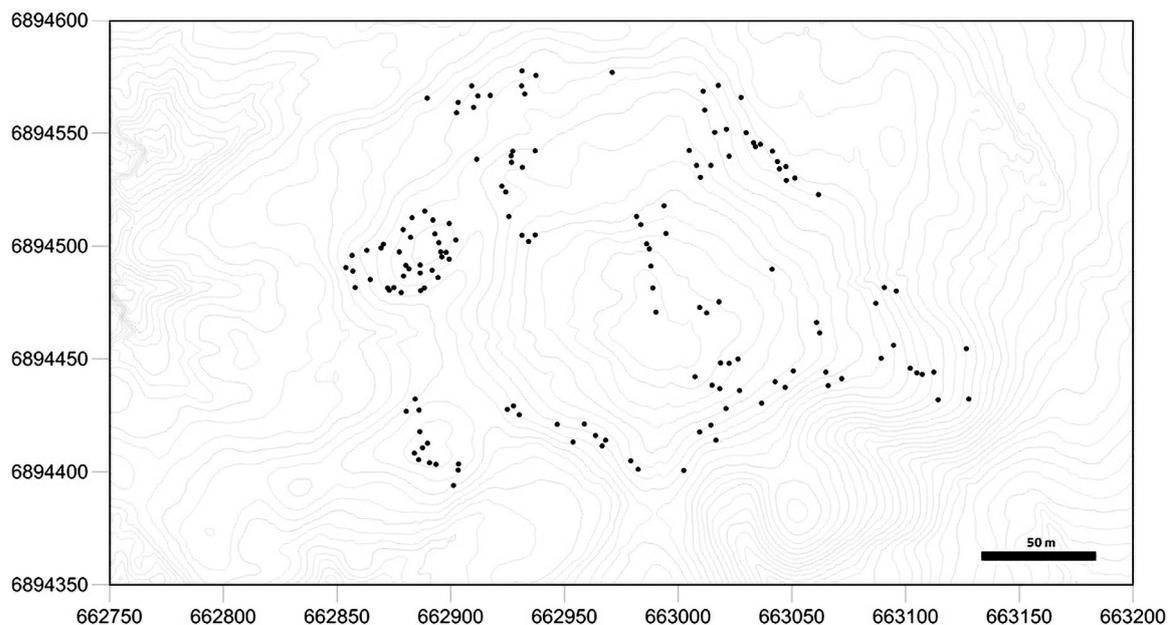
A expansão dos povos de línguas do tronco Je para o sul configurou-se na forma de sucessivas migrações, desde seu habitat original no planalto central, em direção ao planalto meridional e adjacências, a partir de pelo menos três mil anos atrás (Beber, 2004; Noelli, 2000). Dados etnohistóricos revelam que havia, no sul do Brasil, vários grupos com línguas aparentadas (Farias, 2005; Iriarte *et al.*, 2016). Henry (1964) afirma que a área de origem dos Xokleng históricos da encosta catarinense seria o planalto onde viviam em pequenas comunidades, coletando pinhão e cultivando feijão, milho e abóbora. Disputas territoriais os teriam empurrado para além da borda do planalto, para a região densamente florestada, com recursos abundantes – a área aqui examinada.

Os vestígios arqueológicos da Tradição Taquara/Itararé foram, já há algum tempo, conectados aos povos Xokleng e Kaingang, documentados desde os tempos coloniais, conferindo grande profundidade histórica a essas sociedades (Noelli, 2000; Schmitz, 1988). Em contexto arqueológico, o traço material diagnóstico desses povos é a cerâmica pequena, globular, de paredes finas, por vezes com alguma decoração plástica (Beber, 2004). As pesquisas desenvolvidas no planalto meridional mostram a presença da ocupação Je nos últimos 2000 anos, com grande adensamento populacional e emergência de padrões territoriais marcados por estruturas ritualísticas e funerárias, além de aldeias escavadas no solo (as *casas subterrâneas*). Esses vestígios exibem forte presença nas regiões do altiplano planáltico contíguas à encosta sul catarinense (Corteletti; Labrador; DeBlasis, 2023; Iriarte *et al.*, 2016; Noelli; Souza, 2017; entre outros). Assim como as estruturas subterrâneas, cemitérios comuns em locais

altos, com ampla visibilidade (Robinson *et al.*, 2017; Schmitz *et al.*, 2009) também são, além da cerâmica, características arqueológicas dessas sociedades. Foram registrados, ainda, sítios funerários em abrigos nos paredões escarpados, alguns com representações rupestres associadas (Corteletti *et al.*, 2021; Rohr, 1984).

Na bacia do rio Tubarão, um levantamento preliminar registrou 14 sítios com casas subterrâneas e três cemitérios, havendo ainda vários relatos da presença de vestígios cerâmicos (Eble; Reis, 1976; Farias; Juliani, 2011; Rohr, 1982) (Figura 6). Surpreendentemente, nenhum deles pôde ser plenamente confirmado. Na área de Vargem do Cedro, por exemplo, foi realizado um levantamento intensivo, identificando 36 sítios arqueológicos, 30 dos quais caracterizados pela presença das manchas de solo escurecido discutidas anteriormente, e 6 sítios líticos Umbu. Foram realizadas intervenções em sítios com feições semelhantes às estruturas subterrâneas sem encontrar, entretanto, elementos que apontem ação antrópica. Contudo, em um dos sítios de mancha escura, foi identificado um único fragmento cerâmico com características semelhantes à cerâmica Taquara, associado a uma estrutura de combustão datada em 654-580 cal aP (Kozłowski, 2018) (Figura 5; Tabela 1). O mesmo ocorre no rio Caruru, situado no baixo vale do rio Tubarão.

Figura 8. Topografia do sítio GP-16, situado no sopé da escarpa da encosta sul catarinense. Os pontos representam cavidades (supostamente, *casas subterrâneas*), e sua distribuição sugere a presença de diferentes concentrações. Entretanto, não foram encontrados vestígios arqueológicos associados.



Fonte: Dados organizados por Guilherme B. Machado e Alexandro Demathé.

Esses sítios que parecem ser casas subterrâneas da encosta sul catarinense são, em geral, compostos por numerosas cavidades rasas de dimensão bastante discreta, ocupando o flanco alongado de colinas de baixa altitude em relação aos fundos de vale contíguos. Às vezes, compõem concentrações distintas, em flancos opostos de uma mesma colina. Um bom exemplo é GP-16, exibindo mais de 50 cavidades mapeadas (Figura 8). BN-3 e SRL-6 são também sítios grandes, com várias cavidades. Os demais sítios têm menor número de estruturas. Em Morro da Cruz, foram registradas apenas três cavidades, com presença de cerâmica e polidos (Rohr, 1969, p. 22-23). Revisitado e muito afetado por intervenções atuais, não evidenciou quaisquer vestígios arqueológicos (Merencio, 2021). Esses sítios são muito rasos, discretos e aparentemente tardios; não foi possível datá-los, dada a absoluta ausência de vestígios orgânicos.

Assim, a ocorrência de vestígios cerâmicos é extremamente rarefeita nos complexos de casas subterrâneas descritos na encosta sul catarinense — quando aparece. Em GP-16, BN-3 e SRL-6, por exemplo, que aparentam ser grandes aldeias, nem um único caco foi encontrado. RFT-55 é uma casa subterrânea pequena, uma única cavidade com cerca de dois metros de diâmetro, sem material arqueológico associado além de blocos de granito, muito queimados, e alguns de quartzo. A existência de grupos de língua Je sem cerâmica já foi aventada por Schmitz e colegas (1999), apesar da grande proximidade em relação aos densos assentamentos planálticos, em que a cerâmica é abundante (Corteletti *et al.*, 2015; Corteletti; Labrador; DeBlasis, 2023). Por outro lado, tanto Rohr (1982) como Eble e Reis (1976) relatam a presença de cerâmica em diferentes trechos da encosta sul catarinense; pode ser que as atividades agrícolas contemporâneas, mecanizadas, tenham tido um efeito bastante deletério nos vestígios Je, recentes e pouco abundantes. Assim, as características da presença Je na encosta sul catarinense em época pré-colonial ainda permanecem pouco claras. Talvez, essa região tenha sido ocupada de maneira fugaz, ou tardiamente; cabe lembrar a presença de um considerável adensamento de sítios Umbu na região nesse mesmo período. Um estudo recente sugere que a ocupação Je no litoral meridional catarinense é proveniente do litoral setentrional, e não do planalto (Ferraz *et al.*, 2023). Se assim for, a área da encosta pode mesmo ter desempenhado um papel periférico nos padrões de territorialidade Je do Sul em época pré-colonial, com grupos distintos no planalto e no litoral.

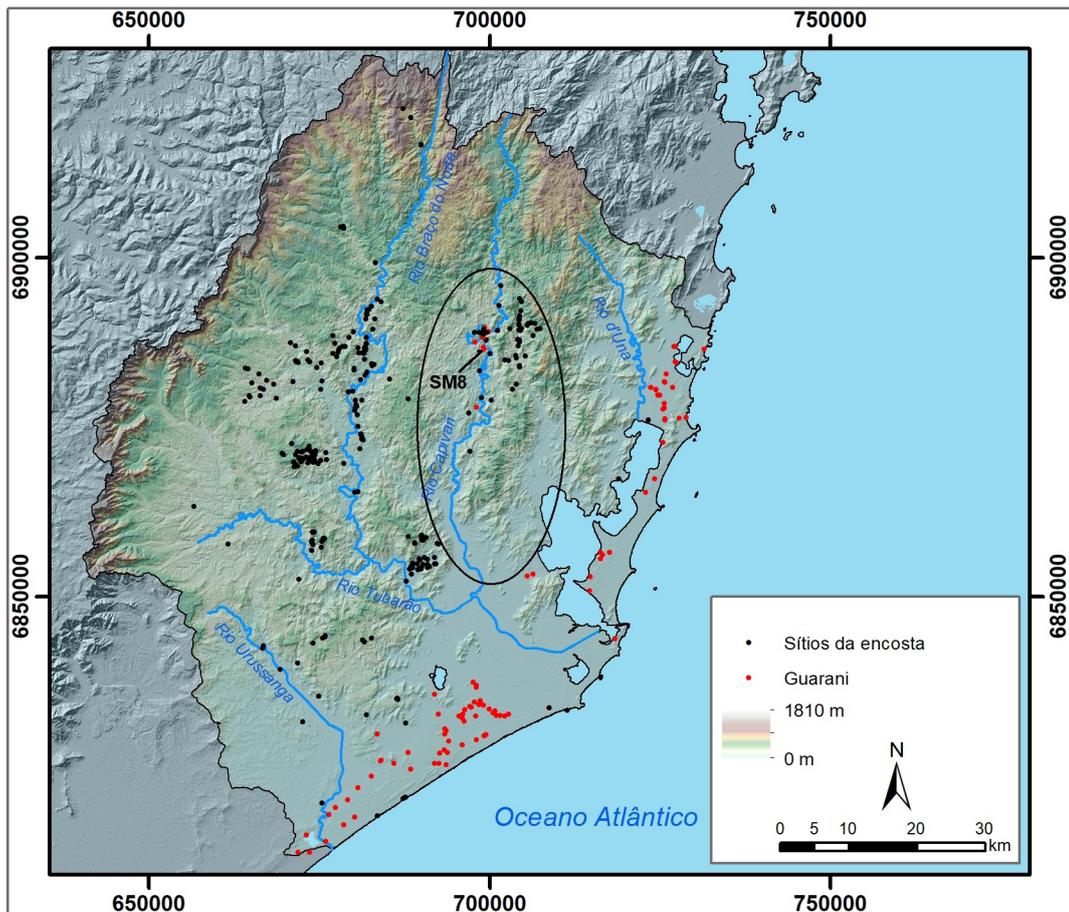
A OCUPAÇÃO GUARANI NO LITORAL E O CONTATO COM OS EUROPEUS

No século XVI, grupos Guarani dominavam a maior parte da região litorânea do Brasil meridional. Seus ancestrais teriam rumado para o sul a partir da região amazônica, espalhando-se pela bacia platina desde o início da era cristã, subindo então pelo litoral meridional brasileiro pouco antes do contato com os europeus (Brochado, 1984; Bonomo *et al.*, 2015; Milheira; DeBlasis, 2014; entre outros). Na literatura do início do período colonial, esses povos ficaram conhecidos como *tapes*, *carijós* e *arachãs*, habitando preferencialmente áreas ribeirinhas florestadas, quentes e úmidas, nas quais cultivavam milho, aipim, feijão, batata doce e abóboras. Sua cerâmica é bastante diagnóstica, volumosa e com formas variadas, algumas complexas, frequentemente recoberta de padrões decorativos pintados bastante característicos (La Salvia; Brochado, 1989; Milheira; DeBlasis, 2011; Schneider, 2019; entre outros).

Em Santa Catarina, a ocupação Guarani se deu principalmente subindo a bacia do rio Uruguai e ao longo da faixa litorânea. Sua expansão ao longo da costa foi rápida (Bonomo *et al.* 2015; Milheira; DeBlasis 2011); em um período de cerca de 200 a 400 anos, espalharam-se por todo o litoral meridional do estado, onde já viviam sambaquianos e sociedades posteriores, com influência Je (Merencio, 2021, Campos *et al.*, 2023). Ocuparam os terraços mais antigos, aplainados e florestados, contíguos aos ambientes lagunares (Campos *et al.*, 2013; Kozłowski; Kneip; DeBlasis, 2022; Milheira; DeBlasis, 2011, 2013). Ali, estabeleceram grandes aldeias, com dimensões que chegam a até 10 hectares, de forma elíptica ou circular, repletas de vestígios líticos e cerâmicos, lentes de carvão e fauna. Assentada nessas áreas propícias à expansão dos cultivos e rica em recursos naturais, a ocupação Guarani se expandiu até a chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses. A descida dos vicentistas, no final do século XVI e início do XVII, teve um efeito devastador, desintegrando rapidamente essa sociedade populosa e bem adaptada aos ambientes costeiros.

A penetração dos Guarani para o interior, na região da encosta sul catarinense, parece se limitar aos trechos mais baixos dos rios maiores, abertos para a região litorânea, na qual se encontram amplas áreas terraceadas, adequadas para a agricultura (Figura 9).

Figura 9. Distribuição dos sítios Guarani na borda litorânea da encosta sul catarinense. A elipse indica área de confluência entre grupos previamente estabelecidos na encosta e os Guarani, por volta de 500 anos atrás.



Fonte: banco de dados SIG organizado por Henrique Kozłowski.
Arquivos vetoriais e *raster* de elevação SRTM 30 da NASA.

Na bacia do rio Capivari, por exemplo, vários sítios foram encontrados baixo vale adentro, e de um deles (SM-8) provém a única datação disponível, em torno de 500 aP (Tabela 1, Figura 5), perfeitamente compatível com as datações disponíveis para os sítios Guarani do litoral adjacente (Kozłowski; Kneip; DeBlasis, 2022; Milheira; DeBlasis, 2011). Assim, fica evidente que a penetração Guarani na região da encosta sul catarinense se dá a partir do litoral, ao longo de um processo contínuo de ocupação, adentrando esse ambiente ocupado por grupos com tecnologia Umbu e, também, alguma presença Je – ainda arqueologicamente pouco nítida nesse momento, mas certamente plena ao longo do período colonial, e depois.

As datações disponíveis para a ocupação Je, tanto no planalto, como no litoral, antecedem e são concomitantes com esse horizonte de penetração Guarani. Assim, parece que as áreas intermontanas mais baixas da encosta foram palco de disputas territoriais no período que imediatamente antecede a chegada dos europeus. É possível que a presença de adensamentos populacionais dos grupos anteriormente ali assentados tenha cerceado o avanço Guarani nessas áreas de fundo de vale mais interioranas, por exemplo na calha do rio Capivari. O mesmo pode estar acontecendo em outras bacias da região, não pesquisadas, como a do rio Urussanga, onde os sítios aqui discutidos também estão presentes (Rohr 1982; Milheira 2011). Esse é um tema interessante para pesquisas futuras, envolvendo o estudo mais detalhado dessas dinâmicas territoriais regionais.

Mais recentemente, de acordo com relatos históricos, a encosta da serra sul catarinense foi habitada por povos Xokleng até cerca de 1970, sendo paulatinamente expulsos pelos assentamentos

formados por levas de migrantes europeus desde o final do século anterior (Farias, 2005; Szlachta; Guimarães, 2024). Alguns desses registros, e sínteses posteriores (e.g. Lavina, 1994), descrevem os Xokleng como grupos de grande mobilidade. Integrando dados etnohistóricos e arqueológicos, Farias (2005) modelou um padrão de territorialidade para essas populações, propondo a existência de lugares de convergência, nos quais vários grupos de um certo território se integrariam periodicamente.

De acordo com a autora, os Xokleng documentados etnograficamente teriam assentamentos estáveis em áreas de meia-encosta, próximas às nascentes e aos banhados, congregando diversas famílias, de onde acessavam diferentes nichos ambientais. Nas cabanas, distando entre si de 50 a 100 metros, habitavam até 300 pessoas, com pequenas roças de cultivos consorciados espalhadas pelos arredores. Uma rede de trilhas e caminhos permitiria contatos corriqueiros entre as aldeias, e registros históricos relatam, de fato, grande interação regional, com eventos sociais festivos que congregavam pessoas de vários lugares, com comemorações e danças (Silva; Farias, 2013). Outro contexto cerimonial socialmente significativo são os eventos funerários, envolvendo rituais de cremação dos mortos (Veiga, 2016). Cabe lembrar que as características de produção de alimentos, permanência e estabilidade territorial, presentes no registro arqueológico Je do planalto contíguo, evocam formas bastante integrativas e territorializadas de organização social no milênio anterior ao contato (Corteletti *et al.*, 2015; Corteletti; Labrador; DeBlasis, 2023; DE SOUZA *et al.*, 2016; Noelli; De Souza, 2017; Robinson *et al.*, 2017).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Esta primeira síntese dos padrões de ocupação pré-colonial na encosta sul catarinense permite delinear algumas perspectivas interpretativas, que configuram interessantes questões para futura investigação. Em primeiro lugar, é possível constatar que grupos portadores de tecnologia Umbu, cujos sítios são comuns na área, permaneceram longamente na região, com grande adensamento a partir de cerca de 1200 anos atrás, que parece se prolongar até o período colonial. É interessante observar que, em paralelo, ao longo do litoral adjacente se desenvolveu, também por milênios, uma longa e intensa ocupação sambaquieira, sucedida por um período tardio (também a partir de 1200 anos atrás, aproximadamente), quando a presença Je na área lagunar se vai fazendo sentir (Cardoso, 2018; DeBlasis; Farias; Kneip, 2014; DeBlasis; Gaspar; Kneip, 2021; Gaspar *et al.*, 2008; Kneip; Farias; DeBlasis, 2018; Cardoso, 2018;). Curiosamente, indícios de contato entre essas populações longevas e vizinhas (uns na encosta, outros no litoral) são praticamente nulos, o que indica considerável distanciamento cultural e territorial entre elas, apesar da concomitância e contiguidade.

Em torno de mil anos atrás, a cronologia disponível indicava que a ocupação Umbu na região da encosta sul catarinense se tornaria ainda mais intensa. A distribuição dos sítios nesse período demonstra estabilidade territorial, e a tecnologia lítica, focada sobretudo na exploração do quartzo, reforça a ideia de uma ocupação regionalizada, configurando uma fácies tecnológica/cultural própria e acentuando a percepção de diversidade no âmbito da Tradição Umbu, como vem sendo sugerido para outras áreas do planalto e adjacências (Araujo; Okumura, 2017; Dias; Lourdeau, 2023).

Nessa mesma época, grupos de língua Je ocupavam intensamente o planalto contíguo, um processo concomitante ao adensamento Umbu na encosta; essas dinâmicas territoriais, de alguma forma, parecem ter alguma relação. Uma possibilidade é que a intensidade da presença Je na vizinhança tenha levado a uma maior agregação de grupos Umbu na encosta, outrora mais dispersos. Essa maior integração política seria uma forma de resiliência e poderia explicar a discreta presença Je na encosta; talvez explique também a aparente persistência de traços desse período até tempos muito recentes. O súbito, mas vigoroso, adensamento de assentamentos Guarani, já às vésperas da chegada dos colonizadores europeus, adentrando os vales mais rebaixados e abertos das serras orientais, encontrou aqueles grupos já ali assentados, o que teria dificultado, até mesmo impedido, seu avanço bacía adentro (Merencio, 2021; Milheira; DeBlasis, 2011).

A perspectiva de que esse horizonte Umbu tardio tenha alcançado a época colonial é intrigante, evocando narrativas do início do século XX que relatam a existência de *pontas de flecha de pedra* entre os Xokleng que habitavam esta região (Bloemer, 2008). Esses dados sugerem a interessante possibilidade de que os grupos contatados na área, sobretudo a partir do século XIX, tenham se constituído por meio de relações entre diferentes culturas. Essas relações, presentes já desde algum tempo antes da chegada dos europeus, e provavelmente complexificadas pelas movimentações populacionais por eles provocadas, podem representar, assim, um fenômeno local de *etnogênese*, ou seja, a constituição de novas formas de organização social e política, congregando populações de diferentes proveniências. Essa ideia tem embasado vários estudos recentes que lidam, principalmente, com contextos nos quais se dão encontros culturais envolvendo sociedades nativas e estruturas coloniais dominantes, com especial atenção às formas de resiliência das primeiras (Gruzinski; Aguiar, 2001; Gosden 2004)⁴.

Essas novas configurações teriam se dado paulatinamente, a partir de processos de contato (e, eventualmente, hibridação) envolvendo grupos com tecnologia Umbu longamente assentados na região e outros de língua Je do planalto contíguo (talvez outros grupos mais antigos, sem cerâmica?) que foram adentrando as matas da encosta da serra em tempos pré-coloniais tardios, e mesmo já em época colonial. Por conta de uma progressiva redução populacional (guerras, doenças etc.) esses grupos teriam se integrado, quiçá de maneira mais ou menos análoga ao processo proposto por Wüst (1992) para a formação da sociedade Bororo no oeste do Mato Grosso. Ali, grupos portadores de cerâmica Uru, com alguma influência Tupi, parecem ter se articulado, em termos de organização política e social, como uma forma de reação às adversidades relacionadas ao avanço da sociedade brasileira, direto ou indireto, sobre a região da bacia do rio São Lourenço e adjacências. Assim, esse novo grupo social, etnograficamente conhecido como Bororo, seria produto dessa simbiose, que não seria anterior a cerca de 300 anos atrás.

Na encosta sul catarinense, os sítios com manchas escuras, aparentemente de uso específico, integrativo, parecem se situar no epicentro dessa questão. Talvez, representem a evidência de uma forma de organização envolvendo novas configurações sociais que antecedem, em alguns séculos, a ocupação Guarani no litoral e os fenômenos convulsivos decorrentes da chegada dos europeus. No que se refere aos grupos Je, tanto a fugacidade do registro estratigráfico, como a escassez de cerâmica (e outros vestígios materiais), lançam dúvidas acerca da sua presença mais intensa na área em época pré-colonial, pelo menos nos moldes do que ocorre nas áreas planálticas contíguas. Se, por um lado, diferentes formas de relação e contato podem estar em jogo, por outro, a possibilidade de que grupos Je distintos, com e sem (ou pouca) cerâmica, estejam representados nos registros do planalto e da encosta da serra, embora pareça um pouco improvável, dada a proximidade desses territórios, ainda não pode ser descartada.

Integrar a presença Xokleng nessa equação ainda se constitui como um desafio de pesquisa. Sabe-se que eles ocupam essa região desde bem antes dos primeiros relatos históricos, bastante tardios (séc. XIX) para a área. Como vimos, Henry (1960) sugere que vieram do planalto contíguo, de onde teriam sido “empurrados” para a encosta. Porém, o que teria ocorrido com a ocupação Umbu que lá se encontrava, cujos traços, aparentemente, perduram até os tempos coloniais, se não além? Seriam os Xokleng os hipotéticos Je sem (ou com pouca) cerâmica? Afinal, como vimos, a cerâmica é escassa na encosta... ou teriam chegado mais tarde, já em época colonial, afetados pelas mudanças intensas desse período? Por outro lado, não trariam eles, possivelmente, características da simbiose dos padrões arqueológicos detectados no final da era pré-colonial, descritos acima? Nesse processo de amalgamento cultural, o(s)

⁴ O conceito vem sendo utilizado também em estudos envolvendo relações entre as sociedades nativas, africanas e luso-brasileiras em contextos coloniais (Symanski; Gomes, 2012; Trindade; Souza, 2022).

grupo(s) Je teria(m) exercido um papel de liderança, o que explicaria as características sociais (e o idioma) Xokleng historicamente documentados.

Ao longo do Holoceno tardio, essas características peculiares dos sítios da encosta sul catarinense fazem dela não uma área periférica dos domínios planálticos, mas uma área cultural em si mesma, com sua própria história. Ainda que indícios de conexão supralocal existam, a encosta se define como um território com peculiaridades regionais, em plena Mata Atlântica (Farias, 2005; Farias *et al.*, 2016). A ocupação Je do planalto, mais densa e territorializada, não parece ter incorporado, de maneira intensa ou sistemática, a região da encosta sul catarinense e seus abundantes recursos — possivelmente pelo fato de que nessa área já se encontrava uma ocupação (grupos associados à Tradição Umbu) de proporções consideráveis.

No entanto, a presença discreta de evidências Je na encosta indica a existência de relações entre eles, que talvez tenham se transformado e intensificado ao longo do período. No litoral adjacente, também é possível perceber a presença Je na forma de acampamentos de caça e pesca, assim como sítios cerimoniais, funerários, convenientemente implantados nos mesmos lugares estratégicos de uma paisagem dominada, por milênios, pela sociedade sambaquieira (Cardoso *et al.*, 2024; DeBlasis; Farias; Kneip, 2014; Kneip, Farias; DeBlasis, 2018; Merencio, 2021). No entanto, ainda não está claro se são provenientes do planalto (nesse caso, via a região da encosta aqui examinada) ou da região costeira mais ao norte, onde aldeias de maior porte, com cerâmica Itararé, estão presentes (Ferraz *et al.*, 2023; Schmitz *et al.*, 1993).

Pouco antes da chegada dos europeus, grupos Guarani vindos do sul ocupavam a planície litorânea, exercendo pressão territorial sobre os vales interiores mais amplos, que se abrem para a faixa costeira. As áreas intermediárias de médio vale, como no Capivari (São Martinho e Vargem do Cedro), parecem ter sido zonas limítrofes, possivelmente disputadas, um jogo de xadrez que só poderá ser melhor compreendido por meio de estudos regionais sistemáticos acompanhados de robusto controle cronológico.

Concluindo, as datações disponíveis para a ocupação Umbu (incluídos os sítios com manchas escuras) na encosta sul catarinense, assim como as datações disponíveis para os assentamentos Je do planalto meridional e do litoral, mostram que esses contextos arqueológicos partilham um mesmo horizonte cronológico, de época pré-colonial tardia; embora com base em um conjunto de dados ainda frágil e com lacunas, sugere-se que, nessa região montanhosa, grupos Je e portadores de tecnologia Umbu locais se encontraram e, talvez, tenham gerado novas configurações sociais. Os sítios tardios da encosta sul catarinense configuram um padrão arqueológico instigante que, no momento, apenas se pode vislumbrar, mas que tem, como se viu acima, uma característica cultural própria, uma faceta regional peculiar que parece se estender ao longo do período colonial, talvez, mesmo alcançando o limiar do século XX, atestando assim a longa presença indígena nessa região. Trata-se, enfim, de uma área de grande interesse de pesquisa, onde fenômenos de interação cultural e, ao que parece, gênese de novas formas de organização social, tiveram lugar.

AGRADECIMENTOS

Os estudos aqui relatados são produto de vários projetos de pesquisa financiados principalmente pela Fundação de Apoio à Pesquisa de Santa Catarina (FAPESC) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agradecemos a participação de um grande número de estudantes e pesquisadores nos estudos dessa área ao longo dos anos, em campo e laboratório. Sem eles, nada seria possível. Agradecemos, em especial, Guilherme Batista Machado e Alexandro Demathé, pela primeira organização dos dados e estudos iniciais em GIS da região. Os autores são gratos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Bolsa de Pesquisa de Produtividade (PQ) concedida ao quarto autor (processo 312543/2022-0). Agradecemos ainda aos pareceristas, cujas observações ajudaram em muito na qualidade e no amadurecimento do texto.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Astolfo G. M. Dez mil anos de convivência: A Arqueologia da Mata Atlântica do Sudeste. *In: CABRAL, Diogo de Carvalho; BUSTAMANTE, Ana Goulart (orgs.). Metamorfoses florestais: culturas, ecologias e as transformações históricas da Mata Atlântica.* Curitiba: Ed. Prismas, 2016.
- ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello; OKUMURA, Mercedes. Fronteiras e identidades na pré-história: uma análise Morfométrica de pontas líticas bifaciais do Sudeste e Sul do Brasil. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 17, n. 30, 2017.
- BEBER, Marcus Vinícius. *O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé.* 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.
- BEHLING, Hermann. Late Quaternary vegetational and climatic changes in Brazil. *Review of Palaeobotany and Palynology*, v. 99, n. 2, p. 143-156, 1998. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0034-6667\(97\)00044-4](https://doi.org/10.1016/S0034-6667(97)00044-4).
- BITENCOURT, Ana Luisa Vietti; KRAUSPENHAR, Patrícia Maria. Possible prehistoric anthropogenic effect on *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kuntze expansion during the late Holocene. *Revista Brasileira de Paleontologia*, v. 9, n. 1, p. 109-116, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.4072/rbp.2006.1.12>.
- BLOEMER, Mateus. *Oralidade, imagem e conflito: a visão do colonizador sobre os índios Xokleng na comunidade de Rio Facão, Rio Fortuna, SC.* 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2008.
- BONOMO, Mariano *et al.* A model for the Guarani expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International*, v. 356, p. 54-73, 2015.
- BROCHADO, José Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America.* 1984. Tese (Doutorado em Arqueologia) – University of Illinois, Urbana-Champaign, 1984.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Salvamento arqueológico na jazida de argila de Linha Rovaris, Turvo, SC.* Criciúma: UNESC, 2008.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Salvamento arqueológico do sítio Santa Rosa de Lima V, Rio Fortuna e Sta. Rosa de Lima, SC.* Criciúma: UNESC, 2009a.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Salvamento arqueológico na jazida de argila de Taquaruçú, Ermo, SC.* Criciúma: UNESC, 2009b.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Salvamento arqueológico na jazida de argila de Vila Maria, Nova Veneza, SC.* Criciúma: UNESC, 2010.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Resgate arqueológico da jazida de argila Araçá, Nova Veneza, SC. Relatório final.* Criciúma: UNESC, 2011.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no Extremo Sul de Santa Catarina – Brasil.* 2015. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2015.
- CAMPOS, J. B.; DEBLASIS, P.; PERIN, E. B.; SCHNEIDER, F.; FERRASSO, S.; ARAÚJO, A.; DAGOSTIM, S. A. P. Muita comida, pouca gente: perspectivas acerca dos sítios rasos do litoral norte do Rio Grande do Sul. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 18, n. 2, e20220077, 2023. DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0077.

- CAMPOS, Juliano Bitencourt *et al.* Arqueologia entre rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 10, n. 20, p. 9-39, 2013. DOI: 10.15210/lepaarq.v10i20.2127.
- CARDOSO, Jessica Mendes. *O sítio costeiro Galheta IV: uma perspectiva zooarqueológica*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- CARDOSO, Jessica Mendes *et al.* Late shellmound occupation in southern Brazil: A multi-proxy study of the Galheta IV archaeological site. *PLOS ONE*, v. 19, n. 3, e0300684, 2024. DOI: 10.1371/journal.pone.0300684
- CORTELETTI, Rafael. *Projeto arqueológico Alto Canoas – Paraca: um estudo da presença Jê no planalto Catarinense*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.71.2013.tde-19042013-093054.
- CORTELETTI, Rafael *et al.* Revisiting the economy and mobility of southern proto-Jê (Taquara-Itararé) groups in the southern Brazilian highlands: Starch grain and phytoliths analyses from the Bonin site, Urubici, Brazil. *Journal of Archaeological Science*, v. 58, p. 46-61, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jas.2015.03.017>.
- CORTELETTI, Rafael *et al.* News from the field ou como um projeto internacional começa a sair do papel. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 27, p. 197-212, 2016. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2016.137304.
- CORTELETTI, Rafael; LABRADOR, Bruno; DEBLASIS, Paulo Antônio Dantas. An Archaeology of Social Jê Landscapes at Urubici, Santa Catarina. *In: COLONESE, André Carlo; MILHEIRA, Rafael Guedes (orgs.). Historical Ecology and Landscape Archaeology in Lowland South America*. Cham: Springer International Publishing, 2023. p. 159-179. DOI: 10.1007/978-3-031-32284-6_7.
- CORTELETTI, Rafael; SOUZA SOARES, Manoella; LABRADOR, Bruno; DEBLASIS, Paulo. Southern Jê engravings at Morro do Avencal: Preliminary archaeometrical analysis and interpretation of a rock shelter in Southern Brazil. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 35, p. 102721, 2021. DOI: 10.1016/j.jasrep.2020.102721.
- DEBLASIS, Paulo; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; KNEIP, Andreas. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 24, p. 109-136, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2014.109328>.
- DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Madu; KNEIP, Andreas. Sambaquis from the Southern Brazilian Coast: Landscape Building and Enduring Heterarchical Societies throughout the Holocene. *Land*, v. 10, n. 7, p. 757, 2021. DOI: 10.3390/land10070757
- DEBLASIS, Paulo *et al.* Sambaquis e Paisagem. *Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul-Americana*, v. 3, n. 1, p. 29-61, 2007.
- DEBLASIS, Paulo *et al.* *Jê Landscapes of Southern Brazil – Relatório Final*. São Paulo: FAPESP, 2018.
- DE SOUZA, Jonas Gregorio *et al.* Understanding the Chronology and Occupation Dynamics of Oversized Pit Houses in the Southern Brazilian Highlands. *PLOS ONE*, v. 11, n. 7, p. e0158127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0158127>.
- DIAS, Adriana Schmidt. Hunter-gatherer occupation of south Brazilian Atlantic Forest: Paleoenvironment and archaeology. *Quaternary International*, v. 256, p. 12-18, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2011.08.024>.
- DIAS, Adriana Schmidt; LOURDEAU, Antoine. A ponta do iceberg: diversidade cultural e indústrias líticas bifaciais do sul do Brasil no Holoceno inicial. *In: BUENO, Lucas; DIAS, Adriana Schmidt (eds.). Novas Fronteiras do Povoamento Americano*. Vitória: Editora Milfontes, 2023. p. 213-263.

- EBLE, Alroino; REIS, Maria José. Patrimônio Pré-Histórico. *In: FATMA; UFSC (orgs.). Relatório Parque Estadual da Serra do Tabuleiro: Aspectos culturais e sociais*. Florianópolis, 1976. p. 5-45.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy. *Distribuição e Padrão de Assentamento – Propostas para os Sítios da Tradição Umbu na Encosta de Santa Catarina*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy. *Mata Atlântica: local de passagem ou de moradia? Padrão de Assentamento e mobilidade dos grupos pré-históricos na Mata Atlântica sul catarinense*. Tubarão, SC: GRUPEP/UNISUL, 2006.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy. *AMA–Arqueologia na Mata Atlântica: Padrão de assentamento e aproveitamento do ambiente pelos grupos pré-históricos na região da Amurel*. Tubarão: GRUPEP; UNISUL, 2009.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy. *AMA-Arqueologia da Mata Atlântica: Reconstituindo a evolução paleoambiental e as transformações culturais na encosta sul catarinense*. Tubarão, SC: GRUPEP; UNISUL, 2012.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; JULIANI, Lucia. *Programa de educação patrimonial e salvamento arqueológico na área de influência da linha de transmissão 69 kV PCH Barra do rio Chapéu – subestação Braço do Norte*. Tubarão: GRUPEP; UNISUL, 2011.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; KNEIP, Andreas. *Panorama arqueológico de Santa Catarina*. Palhoça: Editora Unisul, 2010.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; NEU, Marcia Fernandes Rosa. AMA-Arqueologia na Mata Atlântica. Os sítios arqueológicos do rio Facão, Rio Fortuna, SC. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ: HISTÓRIA LÍNGUA E CULTURA*, 2., 2010, Palhoça. Anais [...]. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. p. 121-150.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy *et al.* AMA – Arqueologia na Mata Atlântica. *Revista Tempos Acadêmicos*, Criciúma, v. Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, n. 11, p. 185-209, 2013.
- FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy *et al.* Ecologias culturais na Mata Atlântica pré-colonial de Santa Catarina. *In: CABRAL, Diogo de Carvalho; BUSTAMANTE, Ana Goulart (orgs.). Metamorfoses florestais: culturas, ecologias e as transformações históricas na Mata Atlântica*. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 124-148.
- FERRAZ, Tiago *et al.* Genomic history of coastal societies from eastern South America. *Nature Ecology & Evolution*, v. 7, n. 8, p. 1315-1330, 2023. DOI: 10.1038/s41559-023-02114-9.
- GASPAR, MaDu; DEBLASIS, Paulo. Sambaqui Research in Brazil: A Review and Recent Trends (Coastal Archaeology from Southern Shores of Brazil). *In: Encyclopedia of Global Archaeology*. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 1-16. DOI: 10.1007/978-3-319-51726-1_3034-1.
- GASPAR, Maria Dulce *et al.* Sambaqui (Shell Mound) Societies of Coastal Brazil. *In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. H. (eds.). The Handbook of South American Archaeology*. New York, NY: Springer New York, 2008. p. 319-335. DOI: 10.1007/978-0-387-74907-5_18.
- GIANNINI, Paulo César Fonseca *et al.* Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana pré-histórica na costa centro-sul de Santa Catarina, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 5, n. 1, p. 105-128, 2010. DOI: 10.1590/S1981-81222010000100008
- GOSDEN, Chris. *Archaeology and Colonialism: Cultural Contact from 5000 BC to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GRUZINSKI, Serge; AGUIAR, Rosa Freire. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- HADLER, Patrícia *et al.* Forest stability during the Holocene in Santa Catarina, southern Brazil revealed by small mammals from Gruta do Presépio. *The Holocene*, v. 34, n. 1, p. 98-108, 2024. DOI:10.1177/09596836231200440.
- HENRY, Jules. *Jungle People: a Kaingang tribe of the highlands of Brazil*. New York: Vintage Books, 1964.
- HOELTZ, Sirlei Elaine. *Tecnologia Lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Geografia do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.
- IRIARTE, José; BEHLING, Hermann. The expansion of Araucaria forest in the southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition. *Environmental Archaeology*, v. 12, n. 2, p. 115-127, 2007. DOI: 10.1179/174963107x226390.
- IRIARTE, José *et al.* Paisagens Jê Meridionais Ecologia, História e Poder numa Paisagem Transicional Durante o Holoceno Tardio. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 11, n. 22, p. 241-253, 2014.
- IRIARTE, José *et al.* Landscape Dynamics in The La Plata Basin During The Mid And Late Holocene. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 13, n. 25, p. 268-302, 2016. DOI: 10.15210/lepaarq.v13i25.7362.
- KLEIN, Roberto M. Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina. In: REITZ, R. (ed.). *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.
- KLEIN, Roberto M. Aspectos dinâmicos da vegetação do sul do Brasil. *Sellowia*, v. 1, n. 36, p. 5-54, 1984.
- KNEIP, Andreas; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; DEBLASIS, Paulo. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaqueira na laguna de Santa Marta, Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, v. 31, n. 1, p. 25-51, 2018. DOI: 10.24885/sab.v31i1.526
- KOZLOWSKI, Henrique de Sena. *Modelagem preditiva e ocupação jê meridional na encosta catarinense*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/D.71.2018.tde-23102018-175041.
- KOZLOWSKI, Henrique de Sena; DEBLASIS, Paulo. Perspectivas de modelagem preditiva arqueológica: estudo de caso na Bacia do Rio Tubarão – Santa Catarina. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 18, n. 33, p. 72-92, 2019.
- KOZLOWSKI, Henrique; KNEIP, Andreas; DEBLASIS, Paulo. Aspectos da ocupação Sambaqueira e Guarani na Lagoa de Imaruí, litoral sul de Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, v. 35, n. 2, p. 63-84, 2022. DOI: 10.24885/sab.v35i2.994.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. *Cerâmica Guarani*. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.
- LABRADOR, Bruno. *Sistema de assentamento proto-Jê meridional no Alto Rio Canoas*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/D.71.2019.tde-03012019-120142.
- LAGO, Paulo Fernando. *Geografia de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1971.
- LAUTERJUNG, Miguel Busarello *et al.* Phylogeography of Brazilian pine (*Araucaria angustifolia*): Integrative evidence for pre-Columbian anthropogenic dispersal. *Tree Genetics & Genomes*, v. 14, n. 36, 2018.
- LAVINA, Rodrigo. *Os Xokleng de Santa Catarina: Uma etnohistória e sugestões para os arqueólogos*. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.

- LAVINA, Rodrigo. *Salvamento arqueológico da barragem do rio São Bento, Siderópolis/SC*. Criciúma: UNESC, 2002.
- LOURDEAU, Antoine; HOELTZ, Sirlei Elaine; VIANA, Sibeli A. Early Holocene blade technology in southern Brazil. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 35, p. 190–201, 2014. DOI: 10.1016/j.jaa.2014.06.003.
- MERENCIO, Fabiana Terhaag. *Arqueologia dos encontros no litoral sul de Santa Catarina: os sambaquis tardios e sítios Jê entre 2000 a 500 cal AP*. 2021. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- MERENCIO, Fabiana Terhaag; DEBLASIS, Paulo. Análises de mobilidade no litoral sul de Santa Catarina entre 2000-500 cal AP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 36, p. 57-91, 2021. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2021.162703.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Os Guarani e seus artefatos líticos: um estudo tecnológico no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 21, p. 129-152, 2011.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; DEBLASIS, Paulo. O território Guarani no litoral sul catarinense: ocupação e abandono no limiar do período colonial. *Revista de Arqueología Americana*, n. 29, p. 147-182, 2011.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; DEBLASIS, Paulo. Ocupação do Território Guarani no Litoral Sul-Catarinense. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano – Series Especiales*, v. 1, p. 148-160, 2013.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; DEBLASIS, Paulo. Tupi-Guarani Archaeology in Brazil. In: SMITH, Claire (org.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. New York, NY: Springer, 2014. p. 7384–7389. DOI: 10.1007/978-1-4419-0465-2_2487.
- NOELLI, Francisco Silva. A Ocupação Humana na região Sul do Brasil: Arqueologia, Debates e Perspectivas – 1872-2000. *Revista USP*, n. 44, p. 218-269, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i44p218-269
- NOELLI, Francisco Silva; DE SOUZA, Jonas Gregorio de. Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 1, p. 57-84, 2017.
- OKUMURA, Mercedes; ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. Long-term cultural stability in hunter-gatherers: a case study using traditional and geometric morphometric analysis of lithic stemmed bifacial points from Southern Brazil. *Journal of Archaeological Science*, v. 45, p. 59-71, 2014. DOI: 10.1016/j.jas.2014.02.009.
- PEREIRA CRUZ, Aline *et al.* Precolonial Amerindian legacies in forest composition of southern Brazil. *PLoS One*, v. 15, n. 7, e0235819, 2022.
- PERIN, Edénir B. *Análise espacial dos sítios líticos do alto curso da bacia hidrográfica do rio Tubarão*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2007.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: UnB, 1992.
- ROBINSON, Mark *et al.* Moieties and Mortuary Mounds: dualism at a mound and enclosure complex in the southern Brazilian highlands. *Latin American Antiquity*, v. 28, n. 2, p. 232-251, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1017/laq.2017.11>.
- ROBINSON, Mark *et al.* Uncoupling human and climate drivers of late Holocene vegetation change in southern Brazil. *Scientific Reports*, v. 8, n. 1, 2018.
- ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. *Pesquisas: Antropologia*, n. 22, p. 1-37, 1969.

- ROHR, João Alfredo. Pesquisas arqueológicas no município catarinense de Urussanga. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, v. XI–XIV, n. (12, 13,14 e 15), p. 48-59, 1982.
- ROHR, João Alfredo. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, n. 14, p. 77-168, 1984.
- SANTOS, Marcos Cesar; COSTA, Juliano Gordo; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Escolhas de matérias-primas rochosas por grupos pré-históricos caçadores-coletores na microbacia do Rio da Pedra. Jacinto Machado/ Santa Catarina. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 12, n. 23, p. 22-42, 2015. DOI: 10.15210/lepaarq.v12i23.3634.
- SCHÄFFER, Wigold B.; PROCHNOW, Miriam. *A Mata Atlântica e você : Como preservar, recuperar e se Beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira*. Brasília, DF: Associação De Preservação Do Meio Ambiente Do Alto Do Itajaí, 2002.
- SCHEEL-YBERT, Rita; BIANCHINI, Gina Faraco; DEBLASIS, Paulo. Registro de mangue em um sambaqui de pequeno porte do litoral sul de Santa Catarina, Brasil, a cerca de 4900 anos cal BP, e considerações sobre o processo de ocupação do sítio Encantada-III. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 19, p. 103-118, 2009. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2009.89879.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio. Prehistoric Hunters and Gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory*, v. 1, n. 1, p. 53-126, 1987. DOI: 10.1007/BF00974817.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, v. 2, p. 75-130, 1988.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Continuidade e Mudança no Litoral de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 8, p. 25-31, 1998. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.1998.109519.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio *et al.* Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia de Tradição Ceramista Itararé. *PESQUISAS Antropologia*, n. 49, 1993.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio *et al.* Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. *Pesquisas: Antropologia*, n. 55, p. 1-164, 1999.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio *et al.* Taió, no Vale do Rio Itajaí, SC – O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. *Pesquisas Antropologia*, n. 67, p. 185-320, 2009.
- SCHNEIDER, Fernanda. *Poder, transformação e permanência: a dinâmica de ocupação Guarani na Bacia do Rio Taquari-Antas, Rio Grande do Sul, Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS, 2019.
- SILVA, Ketilin Keli Da; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy De. Os primeiros contatos estabelecidos entre os Xokleng e os imigrantes italianos na cidade de Urussanga, Santa Catarina. *Revista Memorare*, v. 1, n. 1, p. 183-198, 2013. DOI: <https://doi.org/10.19177/memorare.v1e12013183-198>.
- SILVA, Luiz Carlos; BORTOLUZZI, Carlos Alfredo (orgs.). *Texto explicativo para o mapa geológico do Estado de Santa Catarina, escala 1:500000*. [s. l.]: DNPM/CRM, 1987.
- STUIVER, M.; REIVER; P. J. Calib rev. 8. *Radiocarbon*, v. 35, p. 215-230, 1993.
- SYMANSKI, Luís Claudio Pereira; GOMES, Denise Maria Cavalcante. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 20, n. 2, p. 053-090, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142012000200003>.

- SZLACHTA, Tatiana S.; GUIMARÃES, Geovan M. Colonização e genocídio: o caso dos indígenas Laklãnô/Xokleng na colônia Grão-Pará. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 18, n. 35, p. 33-61. DOI: <https://doi.org/10.30612/rehr.v18i35.16934>.
- TRINDADE, Cleide Coelho; SOUZA, Marcos André Torres de. A cerâmica colonial do Vale do Macacu, Rio de Janeiro: uma perspectiva diacrônica. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 19, n. 37, p. 301-325, 2022.
- VEIGA, Juracilda. Contribuição da etnografia dos Jê Meridionais à Arqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 27, p. 21-29, 2016.
- WÜST, Irmhild. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 2, p. 13-26, 1992. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1992.108990>.